



Armando Correa de Siqueira Neto



Psicologia

psicoterapia e desenvolvimento



Armando Correa de Siqueira Neto

Psicologia: psicoterapia e desenvolvimento

SIQUEIRA NETO, Armando Correa de
Psicologia: psicoterapia e desenvolvimento / Armando
Correa de Siqueira Neto
Mogi Mirim – São Paulo: 2017.
1. Psicologia 2. Psicoterapia

“Quem olha para fora sonha, quem olha para dentro desperta.”

Carl G. Jung

Sumário

Introdução.....	06
Dificuldades no relacionamento conjugal ocasionadas pela SCH.....	07
A frieza afetiva no casamento.....	16
A força da dinâmica inconsciente familiar.....	19
Gravidez na adolescência.....	24
A importância do ato de tocar.....	31
O brincar no desenvolvimento infantil.....	39
Psicologia preventiva na infância.....	47
Motivação infantil: sua importância para a vida adulta.....	55
O grande amor das meninas.....	59
A sombra dentro de nós.....	62
Incerteza e medo.....	65
O homem das armas.....	67
Reamar-se.....	74
Referências.....	77
O autor.....	79

Introdução

Como encaramos as distintas fases de nossas vidas? Casamento, gravidez, filhos, e outros temas tão importantes? Com quais dificuldades nos deparamos em qualquer parte do planeta, sempre relacionadas ao desenvolvimento e aos relacionamentos?

É possível tomar ciência e se debruçar sobre questões delicadas como as crises típicas dos casamentos, o que está em jogo e por trás de certos desequilíbrios entre os casais? É, sem sombra de dúvida, uma questão mais delicada do que a outra, então carecemos, cada vez mais, de melhores entendimentos acerca da psicologia humana, na tentativa de minimizar os entraves comuns que nos rodeiam e sempre causam mal-estar, chegando, vez por outra, a impedir o crescimento pessoal ou o bom relacionamento com as outras pessoas.

Analisar os tipos de personalidade existentes, os problemas que se interpõem na vida familiar e social em geral, os comportamentos dos filhos e suas motivações, certos propósitos da espécie, as pressões do ambiente, dentre outros fatores, pode trazer um pouco de luz ao obscuro universo psíquico, e ajudar a reequilibrar desajustes que são desencadeados invariavelmente.

Dificuldades no relacionamento conjugal ocasionadas pela Síndrome do Comportamento de Hospedagem

Resumo

Dos variados problemas que afetam a vida conjugal, destaca-se, neste artigo, a precariedade do vínculo afetivo. Ele nasce na formação da personalidade, na infância. Caso a pessoa não tenha formado um grau satisfatório de vínculo, encontrará dificuldades posteriormente nas relações que mantiver. Por força do encanto exercido no período de namoro entre duas pessoas, vários comportamentos ficam ocultos. Na rotina do relacionamento eles emergem, incluindo a dificuldade de manter o vínculo afetivo, causando a Síndrome do Comportamento de Hospedagem. Ela vai distanciando o casal através de comportamentos independentes ao extremo. A pessoa exerce os papéis cotidianos normalmente, todavia, demonstra frieza e comporta-se como um hóspede dentro de casa. Neste caso, especificamente, a precariedade vincular é a causadora deste comportamento, visto ser difícil para o seu portador manter um contato afetivo que ele próprio não pode oferecer. A tendência da síndrome é gerar um conflito pessoal e, conseqüentemente, no casal, que pode acabar se separando. A conversa conjugal é capaz de abrir a primeira porta para a identificação desta síndrome, bem como buscar ajuda especializada, objetivando a melhora pessoal e uma vida conjugal qualitativa com psicoterapia.

Quando as dificuldades no relacionamento humano são percebidas, um termo usual para definir estas circunstâncias é a "incompatibilidade de gênios". Segundo Michaelis (2000) o termo incompatibilidade quer dizer: Qualidade de incompatível, que, a seu

turno é: Que não pode existir juntamente com outro ou outrem. Ainda, que não pode harmonizar-se. E, gênio, significa: Espírito benigno ou maligno que acompanha a pessoa desde o nascimento até a morte. Ou, modo de ser de cada pessoa.

Nas relações humanas, sobretudo na vida conjugal, observam-se comportamentos variados. Inicialmente, evidencia-se o poder do envolvimento e o êxtase exercido pela atração das partes que se conhecem. Conforme Moraes (2003), escolhemos os nossos pares pelo comportamento aparente. E, aquilo que queremos para nós, depositamos nesse outro. Durante o período de namoro não nos permitimos ver, realmente, quem ele é. Com a chegada da rotina no relacionamento torna-se possível conhecer a pessoa como ela é de verdade. Então, começam a surgir os problemas, haja vista o fato de iniciar-se uma intolerância com relação aos defeitos do outro.

Há uma considerável lista de fatores que contribuem para as dificuldades conjugais. Dificuldades financeiras, diferenças de educação, formação profissional, estilo de vida e objetivos (ambição, posição social, etc). Problemas sexuais: da ordem orgânica e psíquica. Infidelidade. Itens pertinentes à estética: beleza física, idade, etc. Nascimento de filhos ou a sua saída de casa com a maioridade. Questões relacionadas à personalidade tais como a introversão (presente em pessoas mais reservadas) e extroversão (presente em pessoas que se expõem mais socialmente) e problemas psicológicos. Diferenças de credo e fé.

Alguns itens desta relação de componentes desfavorecedores na relação a dois, inversamente, podem servir de complemento para determinados casais. Deste ponto de vista, têm-se pontos favoráveis e complementares na relação. Ou seja, não há uma regra universal para determinar quais são os fatores que levam a separação de

casais. Contudo, a vontade de se cuidar para o outro e tentar compreendê-lo estimula o interesse pela união.

Existe uma complexidade em se entender o ser humano individualmente, quanto mais na relação com o outro. Podemos classificar algumas situações de separação de casais ao empregar termos generalistas como a incompatibilidade de gênios ou as dificuldades sociais comuns. Entretanto, o que será descrito a partir deste ponto é sobre a estrutura de personalidade e seus problemas, relacionada à formação de apego afetivo.

Desde bem pequenos os seres humanos têm a necessidade de cuidados por parte de outrem. Durante o período de formação da personalidade existem algumas circunstâncias fundamentais a serem desenvolvidas. O vínculo afetivo é um elemento primordial nesta categoria. Ele é básico. Do latim, *vinculum*: atadura, laço, aquilo que une.

O vínculo afetivo descrito por Brazelton (1988) tem início na gestação. É um processo contínuo através das interações que vão ocorrendo posteriormente.

Bee (1997) relata que o contato imediato após o parto parece aprofundar a capacidade de a mãe (e talvez também do pai) responder em relação ao bebê. Alguns psicólogos acreditam que a capacidade de formação de vínculo social é resultado da maturação e que deve ocorrer algum relacionamento logo no início da vida da criança se quiser que esta seja capaz de, mais tarde, formar vínculos significativos.

Estudos de Bowlby (1990) e Hoffman, Paris e Hall (1996) sobre o vínculo entre mãe e filho ressaltam a importância desta dinâmica afetiva. Eles descrevem que essa ligação faz parte de um sistema comportamental cuja serventia esta ligada à preservação da espécie. Tal relação se deve ao fato de os bebês serem indefesos e incapazes

de sobreviver sozinhos. Então, o apego entre o bebê e o seu cuidador viabiliza uma garantia a esta proteção e preservação.

Através da experiência de uma criança que recebe apoio e cooperação de sua mãe e também do pai, é capaz de gerar nela a crença na utilidade dos outros. Tal fato favorece um modelo para formar relacionamentos futuros. A forma pela qual a pessoa reage aos mais variados eventos da vida, tais como as rejeições, perdas e separações, depende da forma como foi estruturada a sua personalidade (Bowlby, 1990).

Recentemente, vemos um número cada vez maior de filhos sendo criados com pouca presença da mãe e/ou do pai, e ainda, na ausência total deles. O fato de uma criança não ser criada por pais biológicos, não implica, exatamente, em problemas psíquicos posteriores, considerando-se o suprimento básico de suas necessidades. Entretanto, a questão central é o vínculo afetivo. O que tem se tornado ausente durante a estruturação da personalidade infantil é uma relação que possibilite maior vinculação de pessoa a pessoa. Contatos superficiais onde a preocupação localiza-se em prover a criança com alimentos, moradia e escola são insuficientes. E, ainda, relacionamentos onde existam muitas mudanças geográficas e/ou trocas constantes de cuidadores dificultam a formação do vínculo.

Segundo Winnicott (1993), a atenção que as mães têm para se dedicar a seus filhos, atendendo às suas necessidades de alimentação, higiene, carinho ou o simples contato, gera condições necessárias para que se produza o sentimento de unidade entre duas pessoas.

É relevante incluir que na formação vincular faz-se necessário o ato de tocar a criança. Conforme as conclusões de Siqueira (2003), "(...) tocar carrega em si numerosos benefícios em forma de

estímulos que geram um melhor desenvolvimento físico, emocional e social, potencialmente gerador de uma personalidade terna e amável no adulto posteriormente”.

Encontramos em Adler (1937) a afirmação de que todas as pessoas constroem o desejo de possuir provedores que atendam às suas necessidades e carências que a vida impõem. Na figura de quem provê, a criança formará a medida de sua saúde mental futura.

Maturana e Rezepka (1999) ressaltam a dinâmica emocional que envolve as pessoas, fazendo-as preservar a dinâmica relacional amorosa da infância na vida adulta como referência a respeito das transformações corporais e relacionais, resultando no ser humano que somos.

Ao observar os conceitos sobre o vínculo afetivo, bem como as suas implicações no ser humano, é possível prospectar formas favoráveis e desfavoráveis de relacionamento ao longo da vida. Se a formação da personalidade de uma pessoa contar com a existência de um vínculo precário, torna-se incompatível a existência de um relacionamento conjugal. Em relatos clínicos obtêm-se históricos onde o marido ou a esposa não tiveram essa formação vincular com os seus pais. Posteriormente, na vida a dois, encontram dificuldades em manter o relacionamento por falta dessa condição vincular.

Muitos obstáculos nas relações humanas estão ligados a esta precariedade de vínculo. O casal não consegue perceber este tipo de deficiência em seu relacionamento. Focaliza os problemas em outras questões, ou ainda, prefere nem tocar no assunto. Há casos em que ignora a possibilidade de lançar mão de uma psicoterapia. E, existem situações em que a resistência impera. Fato comum é dizer que não se precisa de tratamento algum, pois que as dificuldades são de outra ordem. Todavia, perde-se a chance de resolver na causa os efeitos de uma convivência difícil.

Nestes casos, especificamente, onde houve uma deficiência na formação de vínculo e as decorrências comprometem os relacionamentos subsequentes, denominar-se-á *Síndrome do Comportamento de Hospedagem* ou SCH.

No relacionamento de um casal onde há a presença da SCH, quando entra na rotina da convivência, faz surgir um novo tipo de comportamento. Ele é extremamente prejudicial. A pessoa age, inconscientemente, de forma semelhante a um hóspede dentro de sua casa. Realiza as suas atividades comuns. Mantém a comunicação e os hábitos rotineiros, inclusive os financeiros. No entanto, a sua forma de ser e estar apresentam um novo item: a frieza ocasionada pelo distanciamento. Aos poucos vai agindo como se fosse alguém que está hospedado na casa, cumprindo com alguns papéis pertinentes, todavia, trata as questões, antes parcimoniosas, de forma independente. Deixa as responsabilidades, sobretudo as domésticas, para o outro cuidar. Onde havia uma atmosfera de cordialidade e doçura, passa a existir um espectro de isolamento e pesar. O outro vai percebendo, sensivelmente, as diferenças no tratamento recebido e acaba por se sentir, pouco a pouco, só. A sensação deste isolamento origina-se na forma pela qual a ausência do vínculo se manifesta nesta relação.

As discussões passam a existir com uma frequência crescente em virtude do mal-estar alojado e da falta de compreensão acerca da síndrome. Os conflitos podem surgir e avoluma-se no processo bola-de-neve. A pouca consciência a respeito da SCH provoca a discórdia entre o casal, atingindo quem estiver por perto nesta convivência, via de regra, os filhos. Lembranças e cobranças de como a vida conjugal era boa anteriormente são lançadas no calor das discussões. Isto faz aquecer ainda mais o desentendimento. Esta é uma situação estressante para o casal, podendo levar os seus envolvidos à depressão e outros males. E, carrega a possibilidade de desencadear

a separação. São duas polaridades se confrontando. De um lado, a ausência de vínculo, a vida isolada. De outro, a força presente da relação a dois. Os compromissos da união “pressionam” o contato mais íntimo da esfera afetiva. Caso ela não exista, torna-se um problema permanente.

Este comportamento de hospedagem reflete o quanto o seu portador, inconscientemente, procura manter distância afetiva do outro para que não haja envolvimento. Caso ocorra uma separação, desta forma, evitar-se-á o sofrimento de uma provável desvinculação. A despedida neste tipo de relacionamento demanda apenas a retirada de bagagens.

Por se tratar de uma síndrome enraizada na formação vincular faz-se necessária uma avaliação diagnóstica. Além de indicar tratamento através de profissional especializado nas relações familiares. Este especialista ocupa-se em compreender as relações conjugais e também a formação do vínculo como peça fundamental nas mudanças terapêuticas necessárias. Na descrição de Gaudêncio (2003), a terapia é o melhor atalho para o autoconhecimento, gerador de crescimento. Em uma das fases da terapia de casal, o cuidado está no vínculo, o qual permite uma continuidade na relação. Com os avanços possíveis os cônjuges podem estabelecer novo olhar sobre a relação, investindo energia na construção vincular.

O sofrimento causado pela *Síndrome do Comportamento de Hospedagem* modifica o foco energético dos investimentos psíquicos. Ou seja, ao invés das pessoas empregarem as energias e esforços no convívio, utilizam tais recursos na manutenção do isolamento. Soma-se a esta condição o desgaste ocasionado pelo conflito entre as polaridades (ausência vincular e a necessidade do elo afetivo), além dos resultados nefastos, colhidos após as discussões familiares. Há uma sensação de impotência e frustração perante os fatos, que

ganham, cada vez mais, uma dimensão que sinaliza o triste fim da vida a dois.

Não raro, crê-se que a síndrome nasceu dentro do relacionamento. Todavia, ela, apenas, foi desencadeada durante o convívio. O seu portador não enxerga o problema já antigo, Brazelton (1988), Bee (1997), Bowlby (1990), Hoffman et al (1996), Winnicott (1993), Siqueira Neto (2003), Adler (1937) e Maranata e Rezepka (1999). É possível comparar relações anteriores a atual e sentir que há algo semelhante nelas. Contudo, é insuficiente para entender e aceitar a síndrome e a sua demanda por tratamento. O jogo de culpa é apenas um instrumento para se defender, na tentativa de diminuir as péssimas sensações que ganham terreno no cotidiano. De nada adianta. Só aproxima o casal da separação. Separar, por sua vez, trás de volta o estado de isolamento requerido pela síndrome. Porém, ao mesmo tempo, causa dor e sofrimento. O que se acreditou ser bom anteriormente enquanto manter uma gostosa e importante relação familiar transforma-se em um pesadelo aterrador com a ruim convivência e a separação.

Buscar ajuda especializada é o remédio para este mal. Crer numa solução de poucos recursos como o esperar o tempo como agente de mudanças é dar oportunidade para que se instale a piora da SCH. Uma boa avaliação psicológica pode dar novos rumos às vidas das pessoas que pretendem o convívio. Respeitando-se as individualidades e construindo relações afetivas, conforme Bowlby (1990), que sustentem os dissabores que a vida se encarrega de apresentar a todos, sem exceção.

Dialogar, e, entenda-se bem, conversar com o coração aberto, oferece uma primeira abertura para se compreender a vida do casal. Dar o primeiro passo pode modificar aquilo que já era considerado algo inevitável, como a separação.

Empreender esta tarefa não é simples. Requer coragem e vontade para mudar. Aceitar os problemas e lutar para transformar o prejudicial em saudável. Há uma necessidade de crescimento por parte das pessoas envolvidas. O grau de maturidade determinará o quanto se quer conviver bem. Ambas as partes devem estar dispostas e comprometidas em participar deste processo, apoiando-se.

É preciso administrar os problemas existentes dando lugar ao desenvolvimento qualitativo de vida. Isto se dá de dentro para fora. Leva tempo, entretanto, deve-se considerar que os resultados, conforme a vontade empregada no processo, podem trazer maior liberdade para viver, individualmente e de forma conjunta. A *Síndrome do Comportamento de Hospedagem* nos prende a circunstâncias de isolamento, contrariando e causando dor diante dos nossos desejos de vida familiar. Cuidar da questão, alterando o comportamento de hospedagem para o de comprometimento afetivo em conjunto permite existir a unidade fundamental das relações conjugais: a dependência equilibrada e necessária do vínculo. Vale a pena lutar com vontade, ajuda e conhecimento.

A frieza afetiva no casamento

A vida conjugal requer boa dose de bom senso, além de paciência com os defeitos do outro. Principalmente após alguns anos de união, quando se acentuam as queixas que antes não apareciam. Inicialmente, evidencia-se o poder do envolvimento e o êxtase exercido pela atração das partes que se conhecem. Escolhemos os nossos pares pelo comportamento aparente. E, aquilo que queremos para nós, depositamos nesse outro. Durante o período de namoro não nos permitimos ver, realmente quem ele é. Com a chegada da rotina no relacionamento torna-se possível conhecer a pessoa como ela é de verdade.

No cotidiano do relacionamento surgem situações como problemas financeiros, disponibilidade de tempo para a exigente vida profissional, etc. Além disso, levamos para a vida a dois os problemas pessoais antigos também. Alguns identificáveis claramente, como velhos comportamentos: excesso ou ausência de organização das coisas e atraso nos horários, entre outros. E, por outro lado, problemas que nem de perto temos consciência. É aí que se deve estar ainda mais alerta.

Com o passar do tempo é natural que ocorra uma redução do desejo que atrai ambos no relacionamento, entretanto, não é igualável a uma situação específica de frieza afetiva que vai se instalando pouco a pouco na vida do casal, e que em determinado período torna-se intolerável. No lugar do amor e da cumplicidade que antes havia, resta uma convivência superficial. Os cuidados do lar, praticamente, ficam por conta de um lado apenas, o outro demonstra apenas cumprir algumas obrigações. Os comportamentos são semelhantes ao de um hóspede, infelizmente, dentro de casa, o que

causa tremendo mal-estar. As discussões aumentam e a frieza também, parecendo uma resposta às inevitáveis brigas.

Talvez você esteja vivendo algo parecido. Tal fato se deve, nestes casos, ao tipo de vínculo afetivo que se formou na infância. Através da experiência de uma criança que recebe apoio e cooperação de sua mãe e também do pai, é capaz de gerar nela a crença na utilidade dos outros. Tal fato favorece um modelo para formar relacionamentos futuros. Estudos aprofundados a respeito, realizados pelos psicanalistas ingleses John Bowlby (1907-1990) e Donald Winnicott (1896-1971), entre outros, identificaram que deve ocorrer algum relacionamento logo no início da vida da criança se quiser que ela forme mais tarde relacionamentos com boa intensidade de ligação.

Quando a formação vincular ocorre de forma precária, a pessoa até se relaciona com outra, porém, quando o tempo causa-lhe uma certa segurança na relação, os comportamentos de frieza e distância aparecem, inconscientemente, sem que ela se dê conta da causa. É a chamada síndrome do comportamento de hospedagem, também conhecida pela sigla SCH. Este comportamento faz com que a pessoa mantenha distância afetiva da outra para que não haja envolvimento, uma vez que foi precária a sua formação de vínculo.

Quanto ao tratamento da SCH, crer que o tempo seja capaz de dar um jeito na vida do casal é ilusão, e trará inevitavelmente, maiores dificuldades e possível separação. É altamente recomendável que se procure ajuda através de terapia, para se compreender conscientemente as causas enraizadas e antigas da síndrome. O casal deve estar disposto a se ajudar mutuamente, dialogando a respeito, e, entenda-se bem, de coração aberto. Esta iniciativa pode modificar aquilo que já era considerado algo inevitável, como a separação. Perceber o melhor momento para abordar o assunto sobre a terapia

quando o outro estiver aberto e predisposto ao diálogo. Paciência e persistência complementam a ajuda.

Compreender, perseverar, buscar apoio terapêutico e formar o vínculo afetivo necessário pode fortificar a união que antes aproximou o casal e os fez vislumbrar uma vida em parceria.

A força da dinâmica inconsciente familiar

É certo que o convívio entre as pessoas de uma família pode ser difícil em razão dos diferentes pontos de vista existentes, das mágoas guardadas de eventos passados, da crença que cada um carrega dentro de si a respeito de como o outro deve ser (baseado na sua própria perspectiva de vida), de simples desacordos (a escolha de canais da televisão) aos mais complexos (preferência por uma carreira profissional), etc. A lista é considerável e pode ser ampliada e se enraizar se a intransigência se estabelecer no lugar da flexibilidade. No entanto, tratamos sobre fatores evidentes, cuja percepção pode favorecer as discussões por sua objetividade (ir direto ao ponto se assim for desejado), mas é apenas um lado da moeda, o consciente. Há o outro: o inconsciente.

O vasto universo inconsciente gera movimentos internos e externos no ser humano, articulando a interdependência familiar. A experiência clínica em psicoterapia pode atestar a força deste tipo de dinâmica entre os seus membros de convívio. Eles têm boa compreensão acerca dos limites e alcances de cada um, às vezes respeitam-se, às vezes não, sabem jogar conforme a necessidade, enfim, possuem perspicácia sobre os aspectos conscientes, e, portanto, mais evidentes. Todavia, sequer desconfiam da movimentação inconsciente que ocorre sob o mesmo teto em que habitam. E é por força de tal articulação que muitos acontecimentos pertinentes ao relacionamento ficam sem qualquer explicação, ou, infelizmente, ao tentar explicá-los sem a devida consciência, impõe-se a culpa a situações que nada dizem respeito ao fato.

Com efeito, a falta de conhecimento é capaz de gerar uma verdadeira Torre de Babel dentro de casa, na qual o entendimento é

raro, causando a impressão de que cada pessoa se expressa através de uma língua própria. Todos convivem, mas seguem por caminhos singulares – não me refiro à individualidade natural e necessária ao desenvolvimento humano, mas a falta de entendimento pela distorção existente no delicado mecanismo da comunicação. Com o passar do tempo, via de regra, as defesas (manter-se distante, falar pouco) se ampliam ao invés de cederem a fim de buscar conciliação no convívio. Mas não é tudo, outros pontos precisam ser observados.

Como seres humanos em permanente modificação (uns mais, outros menos), constantes ajustes e forte necessidade de adaptação, nós precisamos contar com a ajuda de nossos recursos internos: autoconhecimento, reflexão, administração de conflitos e impasses, motivação e crescimento, etc. Não obstante, necessitamos de auxílio externo, ou seja, da ajuda de outras pessoas (outras opiniões, apoio) que normalmente nos são próximas: os familiares. Também nestes casos recorremos a tal suporte de maneira consciente, ao direcionar determinado problema a alguém que supomos ser apto a colaborar, e às vezes nos surpreendemos com alguém que nem levamos em consideração, mas que demonstra competência em tal empreendimento.

Por outro lado, podemos desconhecer a atuação inconsciente neste tipo de interdependência, que tem a sua maneira própria de funcionar. Para ilustrar a situação é útil recorrer a algumas articulações percebidas em diferentes dinâmicas familiares.

Um membro da família pode desenvolver um laço estreito com o outro em razão da necessidade pessoal que ele possui, e, caso encontre eco nesta relação, então é possível estabelecer uma atração de necessidades: de um lado alguém que precisa ser acolhido, de outro, alguém que precisa acolher, por exemplo. Dois tipos de necessidades opostas podem se unir sob a forma de um pacto para

atender ao interesse comum. É semelhante a um acordo silencioso, quase imperceptível. No entanto, conforme o tempo passa e uma das partes se desenvolve e muda por força de novos interesses, o "contrato" é rompido e o relacionamento amigável pode dar lugar ao desentendimento e em alguns casos a brigas profundamente dolorosas. Há um sentimento de "traição" presente. Injúrias são lançadas contra o "traidor", estabelecendo o sentimento de culpa. Porém, é o inconsciente que está no controle de vários fatos, e, vez que ele não se revela aos olhos da compreensão, trava-se uma infundável batalha de suposições, levando ambos os lados a tomar decisões por vezes descontroladas, e o que é pior: infundadas.

Deve-se considerar ainda que há uma carga emocional expressiva face ao tipo de relacionamento presente nas pessoas que constituem uma família, e por tal fato a tendência de fortes impactos mediante os conflitos é a de que ocorram sobrecargas de explosões emocionais, ampliando exponencialmente o desejo de controle e a utilização de artimanhas que levam à tentativa de manipular cada vez mais os resultados da caótica situação. (É uma missão praticamente impossível.) Quem perde terreno quer recuperá-lo a qualquer custo, pois se trata de um "prejuízo" emocional, e a sua força comumente mal administrada incorrerá em batalhas de reduzido controle. É cego atirando em cego.

Tendo em vista a força da dinâmica inconsciente familiar, é prudente considerar, além dos conteúdos conscientes, a atuação daquilo que nos escapa ao controle, até que seja possível trazer tais elementos à consciência através dos resultados obtidos na psicoterapia. A nova perspectiva causada pela mudança é capaz de proporcionar à pessoa não apenas a visão do horizonte que se descortina, mas a compreensão de que o seu maior entrave dizia respeito ao controle exercido por outras pessoas do círculo familiar. E mais ainda, que tais articulações ocorrem porque ela permite (ainda

que inconscientemente) tal controle por suas próprias necessidades. Logo, é coerente entender que enquanto é conveniente, o ser humano faz uso das movimentações tanto conscientes quanto inconscientes, a fim de satisfazer as suas necessidades e desejos. Todavia, quando tais circunstâncias já não lhe satisfazem por razões que variam de pessoa a pessoa e os objetivos se modificam, é chegado o momento de se “desfazer” do suporte até então utilizado. A questão é que este suporte diz respeito a outro alguém, que pode não estar preparado para ser “descartado”, até porque não se trata de uma coisa, mas sim de uma pessoa, e que também emprega energia e investe, na contrapartida, no outro que lhe serve de suporte também. (Às vezes são mais de duas pessoas envolvidas.)

As pessoas são diferentes e agem de modo *sui generis*. Não há como ajustar adequadamente tal impasse, pois se deve considerar que uma coincidência desta envergadura (as duas partes crescerem na mesma velocidade e se modificarem em tempos semelhantes, desfazendo o “contrato” sem gerar qualquer tipo de transtorno) é uma tola esperança. (Em tal utopia poderiam até renovar o contrato.) Portanto, cabe àquele que não se encontra maduro para encarar o afastamento e a quebra deste tipo de união, recorrer à sua capacidade de lidar com frustrações, administrar a nova situação, superar a demanda e estabelecer novos objetivos, se é que já não os tenha, e, nestes casos, redirecionar a sua energia para os novos focos. Há casos em que é preciso pedir ajuda alheia. Não é simples entender a dinâmica inconsciente familiar. Mas ela está presente no cotidiano e merece atenção.

A vida oferece permanentes mudanças com as quais lidamos mais facilmente em alguns casos e com dificuldade em outros. Mudanças são novas aprendizagens que nos leva ao crescimento. Crescer diz respeito a deixar para traz pontos de vista, desfazer-se (em parte ou totalmente) de associações com determinadas pessoas,

associar-se a outras, oferecer e receber apoio, lidar com a dor gerada pela perda em cada separação, e, sobretudo buscar a melhor forma de conviver e lidar com a complexidade psicológica existente: pessoal e grupal.

Gravidez na adolescência

O mundo vem assistindo a crescente onda de mães muito jovens, que dão a luz numa época em que poderiam estar desenvolvendo algumas capacidades emocionais e cognitivas, além de acumular experiência, dentro da liberdade que existe neste período, próprio para viver diversas circunstâncias e posteriormente adentrar no universo adulto, portando bagagem, mínima que seja, mas que possibilita então, a constituição de uma família com um filho ou mais. Contudo, um número alarmante mostra muitas adolescentes que acabam tomando outro rumo e engravidam, iniciando aí um cerceamento de suas atividades no campo do desenvolvimento profissional e escolar, sem generalizar, porém, grande parcela delas, acaba restrita ao contato com o lar onde reside.

Quais fatores colaboram no desencadeamento da gravidez na adolescência? A esta pergunta, foi levantado um grupo de condições como resposta, além de alguns itens fundamentais, que por seu turno, geram o impulso a se engravidar num período onde as prioridades deveriam ser outras.

Tem sido tarefa difícil explicar a causa de existir tantas adolescentes grávidas, e seu crescente número a cada ano. De um lado, alguns profissionais apontam para a falta de informação, de outro, a questão centra-se numa busca pela identidade por parte dos adolescentes. Cabe o estudo e a reflexão acerca das várias possibilidades que levam à gravidez na adolescência.

Na adolescência, ocorre uma profunda desestruturação da personalidade e que com o passar dos anos vai acontecendo um processo de reestruturação. Baseado nos antecedentes histórico-

genéticos e do convívio familiar e social, e também pela progressiva aquisição da personalidade do adolescente, é possível entender que esta reestruturação tem em seu eixo o processo de elaboração dos lutos, a cada etapa deixada sucessivamente. A questão familiar e social funciona como co-determinante no que resulta enquanto crise, especialmente, à conquista de uma nova identidade.

O amadurecimento sexual do adolescente acontece de forma rápida, simultaneamente ao amadurecimento emocional e intelectual, iniciando então, o processar na formação dos valores de independência, que acaba por gerar pensamentos e atitudes contraditórios, especialmente quanto a parceiros e profissões.

É uma luta difícil para o adolescente encontrar uma identidade, que ocorre num processo de longa duração, além de lento, neste período, em que os jovens vão construindo a base final da personalidade, de seu perfil adulto. Este processo acontece por meio de tentativa e erro, em sua maior parte, buscando o verdadeiro eu, e acaba por sofrer agonias e dúvidas, querendo ser diferente do que fora em sua infância, num buscar uma identificação própria e diferente.

Podemos encontrar aspectos importantes sobre pais que valorizam a autonomia e a disciplina no comportamento, estimulam mais o desenvolvimento da confiança, da responsabilidade e da independência. Pais que são autoritários, os quais tendem à repressão dos desacordos, porém não podem exterminá-los, e os filhos adolescentes provavelmente acabam sendo menos seguros, pensando e agindo pouco por si próprios. Pais negligentes ou permissivos que não oferecem o tipo de ajuda que o adolescente precisa; permitem que seus filhos percam o rumo, não oferecendo a eles modelos de um comportamento adulto responsável.

Vemos então, a enorme responsabilidade educacional durante o processo de adolescência, com relação aos filhos, que crescem e aos pais cabe a preparação sobre as mudanças no corpo e o aprendizado de como lidar com a questão sexual, usando de honestidade e se preocupando em transmitir valores, além das regras.

Ao tratarmos sobre prevenção da gravidez, podemos encontrar pesquisas realizadas através de universidades ou do ministério da saúde brasileiro, onde revelam constantemente que grande parte da população tem tido a informação básica necessária sobre o uso de anticoncepcionais, e que apesar dos adolescentes possuírem este conhecimento, acabam mantendo um relacionamento sexual sem tomar os cuidados necessários e assim, como que numa "loteria", engravidam inesperadamente.

Se por um lado encontramos uma boa dose de informações que chega até os jovens, por outro, percebemos a constante falta de diálogo entre pais e filhos, não bastando apenas dizer ao adolescente para que use preservativo, mas também esclarecendo sobre as decorrências possíveis, lembrando que uma relação afetiva e estável tem maiores chances de entendimento neste diálogo. Os pais precisam se preparar com conhecimento a respeito, trabalhar melhor sua participação em assuntos "delicados" e, acompanhar equilibradamente a vida de seus filhos.

Outro ponto reforça a estatística sobre gravidez na adolescência, visto por meio de dados da Pesquisa Nacional em Demografia e Saúde do Brasil, feita em mil novecentos e noventa e seis, indicaram que quatorze por cento das meninas nesta faixa etária já tinham um filho, no mínimo. Entre as parturientes que foram atendidas pelo Sistema Único de Saúde, entre os anos de mil novecentos e noventa e três e mil novecentos e noventa e oito, teve

um aumento de trinta e um por cento dos casos de meninas entre dez e quatorze anos.

Podemos compreender que a gravidez na adolescência não é um episódio, mas um processo de busca, onde a adolescente pode encontrar dificuldade e acaba por assumir atitudes de rebeldia. As pesquisas realizadas pela Secretaria de Saúde de São Paulo mostram que o aumento do crescente número de gravidez na adolescência não é a desinformação. Os depoimentos das adolescentes são surpreendentes. "É comum ouvir das meninas, que engravidaram porque se sentiram abandonadas, ou tinham medo de ficar sozinhas, ou precisavam fazer alguma coisa na vida."

Parece que já nos habituamos a este fato, jovens com tão pouca idade se tornando "mãe", no sentido biológico, mas existindo pouco preparo ou estrutura, evidentemente. Como é possível, jovens nesta faixa etária estarem preparadas para cuidar de outro ser que requer tantos cuidados? Se o adolescente ainda se encontra em reestruturação da personalidade, levando-se em conta o aspecto emocional e financeiro, além da experiência de vida necessária, como poderá atuar como alguém que necessita oferecer apoio e estruturação a outro?

Sabemos o quanto é importante passar por todas as fases naturais que a vida oferece, como a infância, a adolescência, a fase jovem, adulta e a velhice, períodos onde desenvolvemos estruturas que se auxiliam uma após a outra.

A criança de hoje é bastante precoce nas questões da sexualidade, por meio de sua curiosidade em querer conhecer como se formam os bebês e como ocorre a intimidade sexual. Há muitos casos onde as crianças com idade a partir de seis anos, que já desejam olhar revistas de mulheres nuas. Nesta esfera encontra-se a

liberação sexual vivida atualmente, a qual contribui para o aumento do número de adolescentes grávidas.

Aumentar a frequência de informações dentro das escolas, através das aulas é uma boa forma colaboradora, até que este assunto se incorpore definitivamente em nossa cultura, que apesar de “moderna”, ainda é cheia de tabus e preconceitos.

Se a televisão em seus diversos horários, inclusive os de grande audiência, transmite cenas de erotismo e sensualidade, pode também apresentar cenas de prevenção e cuidados a este respeito, em boa dose e intensidade, não apenas em alguns momentos especiais, aumentando conseqüentemente, o estímulo a esta prática fundamental de prevenção, que se dá muito por meio da vontade.

Chamamos atenção para várias adolescentes que engravidaram, e alegaram que mesmo tendo conhecimento sobre o tema, não sabiam explicar o fato de não terem se prevenido, deixando o momento da relação aos cuidados da sorte.

Uma sensação maior parece tomar conta e assim não se pensa em mais nada; apenas acontece a relação. Isto se dá pela falta de maior consciência a respeito. Neste período de adolescência, no qual o jovem acredita estar pronto para o mundo, e é nesta “coragem” que segue avante, mas ainda lhe falta conhecimento e experiência, inevitáveis para lidar melhor com os fatos importantes da vida.

Outra situação como lares desestruturados, pode levar um adolescente a procurar companhia num filho, por não ter tido uma boa infância, indicando, mais um item na lista dos agentes que fomentam este acontecimento que vem crescendo em nossa época, e cabe refletirmos muito e agir ainda mais para equilibrar o que a natureza nos concedeu: a continuidade da vida, na hora mais adequada possível, onde um mínimo de estrutura esteja presente na

relação de um casal que pretende gerar e cuidar de tamanha preciosidade: o seu filho, ou seja, nós, seres humanos.

Dos pontos sinalizados, enquanto possibilidades causadoras e desencadeantes da gravidez na adolescência, entendemos que, este período de transição, pelo qual passa o ser humano, é carregado de transformações físicas e psíquicas, viabilizando uma instabilidade na estrutura da personalidade. Outro fator relevante é a informação que orienta quanto aos cuidados sexuais, a qual mantém o seu grau de importância, e deve fazer parte do contexto educacional a fim de se incorporar, cada vez mais, nos hábitos cotidianos da população. Encontramos ainda, a enorme exposição a estímulos na área sexual, a que as crianças se encontram constantemente e as respostas que emitem, além de gerar uma precocidade em suas atitudes neste mesmo campo. Por outro lado, há uma batalha imediata, ligada à conscientização dos jovens quanto às questões emocionais e sociais que podem levar a gravidez como forma equivocada de gerar identidade nesta fase do desenvolvimento, tão repleta de tribulações e conflitos mediante as sucessivas mudanças que ocorrem, e ainda, ser um projeto de vida para substituir a falta de perspectiva profissional, fazendo do futuro, uma visão de poucas possibilidades de crescimento em várias esferas, a exemplo da educação e cultura. Este exercício de estimular a reflexão e trazer maior consciência, pode ser feito por profissionais que atuam na área social e da saúde; por uma parcela da população que já se encontra com boa experiência de vida e abre espaço para discuti-las; professores que desenvolvam dinâmicas de grupos, e ofereçam canal aberto para uma conversa de linguagem fácil e objetiva, sejam por meio de seus centros comunitários, nos bairros onde moram, sejam pelas escolas.

Existem algumas condições que propiciam a gravidez na adolescência, levando milhares de jovens a uma experiência fora de

hora, dada a inexperiência e consequente dificuldade em cuidar do filho que chega.

Dentre os variados fatores que colaboram para que ocorra este fenômeno em grande número, destacamos a falta de objetivos encontrada nos jovens de classe social mais baixa, que acaba vislumbrando num filho a chance de ter um projeto de vida, além de encontrar a oportunidade de constituir uma identidade, uma vez que não consegue se inserir na vida profissional. Outras condições também se encontram presentes na vida desta população que engravida neste período, tais como lares desestruturados e com pequeno nível de comunicação entre pais e filhos.

A importância do ato de tocar

Este trabalho apresenta algumas ideias acerca da importância do ato de tocar, desde os primeiros e fundamentais momentos de nossa existência e dentro do processo do viver, continuamente, atribuindo a este contato o valor extraordinário de desenvolvimento que lhe é pertinente, físico, emocional e social.

A pesquisa histórica bem ilustra o quanto se perdeu por tanto tempo na não observância deste elemento colaborador: o toque. Contudo, ao tomarmos contato com os levantamentos já realizados, nos surpreendemos, a ponto de estimular a nossa vontade de enriquecer as nossas vidas através do simples comportamento de tocar cada vez mais o outro, com carinho e amor.

No século dezenove, uma grande quantidade de bebês morria durante o primeiro ano de vida, geralmente de marasmus, (do grego: definhar). Na década de vinte nos Estados Unidos a taxa de mortalidade para bebês com menos de um ano em diversas instituições e orfanatos era muito próxima a cem por cento.

Em 1915 o Dr. Henry Dwight Chapin, um pediatra famoso de Nova Iorque, relatou assustadoras informações sobre bebês com menos de dois anos de idade que morriam, excluindo uma única instituição que não seguia esta regra. Dr. Chapin introduziu o sistema de externato para os bebês do orfanato, ao invés de deixá-los definhar na aridez emocional das instituições. Foi contudo, o Dr. Fritz Talbot, de Boston, que trouxe a idéia do "Cuidado Terno, Amoroso", que ao visitar a Alemanha, após a Segunda guerra mundial, ficou muito impressionado ao observar na clínica de crianças em Dusseldorf que mantinha um padrão de higiene e beleza para

acomodar as crianças, mas que apesar disto, quando uma criança não respondia aos tratamentos médicos; esta era entregue aos cuidados de uma ama, que cuidava dos bebês com carinho e os mantinha próximo ao seu corpo, promovendo na maioria dos casos a recuperação destes.

Em pesquisas realizadas após a Segunda guerra mundial, ficou evidente que a causa do marasmo estava relacionada à falta de amor e no tocar as crianças. Tais evidências se apresentavam por meio de crianças que conseguiram superar as dificuldades de privação material, mas que por outro lado, recebiam amor de mãe em abundância, e, em contrapartida, lares e instituições considerados “favoráveis”, do ponto de vista de recursos materiais, porém, onde a mãe não era boa, apresentaram o marasmo. Através dos resultados das pesquisas percebeu-se que para as crianças se desenvolverem bem, elas precisam ser tocadas, acariciadas, levadas no colo, conversar carinhosamente com elas. A criança resiste à ausência de muitas outras coisas, desde que exista o toque amoroso.

Supõe-se que para o bebê pequeno, o mais importante são as sensações da pele e a sensação cinestésica (sensibilidade aos movimentos) e são acalmados prontamente com palmadinhas leves e com calor, e choram em resposta a estímulos dolorosos e ao frio. É por meio de seus receptores localizados nas articulações musculares que o bebê recolhe as mensagens, a respeito do modo como o pegam, mais do que apenas a pressão exercida sobre a pele, que lhe transmitem o que sente por ele a pessoa que o está carregando.

O bebê discrimina adequadamente, de forma parecida ao adulto, o caráter de uma pessoa a partir da qualidade do seu aperto de mão. Os bebês nascem com este sentido cinestésico e, se levarmos em conta as experiências pelas quais passam em seu início de vida; podemos inferir sobre a ideia de que uma parte do modo

como o comportamento se coloca corporalmente se devem à estimulação exteroceptiva da pele; por eles percebidos.

Tocar e sentir

Observar, ver é uma forma de tocar a distância, mas é por meio do tocar que verificamos e confirmamos a realidade. O tato atesta a existência de uma realidade objetiva, no sentido de que é alguma coisa fora, que não eu mesma. As pontas dos dedos do bebê lhe fornecem a existência de um universo, levando-o ao desenvolvimento da consciência de seu próprio corpo e o da mãe, constituindo o seu meio primário e fundamental de comunicação; a sua forma de entrar em contato com outro ser humano, estabelecendo-se aí a gênese do toque humano.

Os bebês sempre emitem comportamentos com a finalidade de manter o seu contato com a mãe. Quando o bebê é frustrado nesta busca de contato acaba por valer-se de outros recursos, tais como chupar seus dedos, agarrar parte de si mesmo, balançar-se. Estes comportamentos são uma regressão à estimulação pelo movimento passivo que experimentou na vida intra-uterina. Os seres humanos se tornam adultos ternos, amorosos e carinhosos a medida em que recebem muitos cuidados em seus primeiros anos de vida.

O valor da massagem

A massagem é uma forma ampliada de tocar com qualidade, proporcionando descanso em partes ou no corpo todo. A massagem é bastante adequada aos bebês, uma vez que saíram de sua posição fetal e precisam alongar os seus músculos, abrir as juntas e coordenar seus movimentos, habilitando-o melhor para as habilidades físicas. Ela ainda beneficia a frequência cardíaca, a respiração e a digestão.

As mães encontram ganhos positivos nestes contatos, a exemplo da ajuda que ocorre na secreção de “hormônio da maternidade”; a prolactina, que auxilia na produção de leite e na capacidade de relaxar. As mães acabam se sentindo mais seguras através da percepção de sua capacidade em proporcionar benefícios para o bebê, obtendo deles boas respostas.

Shantala é o nome da técnica de massagem para bebês usada há milhares de anos na Índia. Foi o Dr. Frederick Leboyer, obstetra francês que observou, em Calcutá, uma mãe massageando seu bebê e trouxe ao mundo ocidental tais informações. Encantado com a força do momento, batizou a sequência de movimentos com o nome daquela mulher: Shantala; que é uma arte de dar amor e uma técnica

O toque na vida social e afetiva do bebê na visão Piagetiana

No período "sensório-motor" de Jean Piaget, “na vida social e afetiva do bebê de 0 a 2 anos de idade, onde há os sentimentos interindividuais – Com o domínio da noção de objeto permanente, há uma separação do eu corporal, em relação ao outro, dando início a um sistema de trocas sociais e afetivas. Essas trocas, porém, não são genuinamente sociais, pois são calcadas, sobretudo, na imitação de gestos. Assim, a imitação do ato da mãe de tocar o rosto do bebê gera-lhe prazer e leva a criança a repetir este gesto na própria mãe.”

O contato imediato após o parto parece aprofundar a capacidade de a mãe (e talvez também do pai) responder em relação ao bebê. Alguns psicólogos acreditam que a capacidade de formação de vínculo social é resultado da maturação e que deve ocorrer algum relacionamento logo no início da vida da criança se quiser que esta seja capaz de, mais tarde, formar vínculos significativos.

Os bebês têm que sugar com vigor para que o leite continue a ser produzido em boa quantidade. As mães devem ter o desejo de amamentar. Uma mãe que amamente por sentir que deve e não porque o queira irá sentir-se tensa. Quando as mães se acham perturbadas, os bebês também mostram sinais de aflição. Por outro lado, os bebês de mães tranquilas tendem a ser calmos. A saúde emocional da mãe e do bebê é mais bem proporcionada por tudo que gere maior prazer entre ambos.

O bebê sinaliza as suas necessidades por meio do choro ou do sorriso, reagindo conforme os pais respondem aos seus apelos, levando-o ao colo, acalmando-o. Tais comportamentos são fundamentais para a formação de vínculos e estabelecimento de elo afetivo familiar, que é uma segunda etapa, posterior ao contato inicial pós-parto.

Com relação a bebês prematuros e com baixo peso, que correspondem a vinte milhões do nascimento anual no mundo, um terço deles morre antes de completar um ano de vida. Tal fato levou muitos estudiosos a pesquisas e discussões permanentes, obtendo respostas que sinalizam o contato da pele entre o bebê prematuro e sua mãe; o que se denominou de método "Mãe Canguru" representando um modelo eficaz de atendimento a este bebê com relação à melhoria da qualidade de vida. O recém-nascido é retirado da incubadora e permanece junto ao colo da mãe, com a cabeça encostada no seu coração, favorecendo os batimentos cardíacos, a temperatura e a respiração. Além de manter o bebê inclinado, impedindo o refluxo do alimento para o pulmão e permitindo um maior contato com a mãe, viabilizando o aleitamento materno, que alimenta o bebê e protege-o contra infecções.

A capacidade das mães em dedicar a seu filho toda a atenção que ele precisa, atendendo suas necessidades de alimentação,

higiene, acalanto ou no simples contato sem atividades, cria condições necessárias para a manifestação do sentimento de unidade entre duas pessoas.

Da relação saudável que ocorre entre a mãe e o bebê constitui-se a subjetividade do sujeito, ao se referir ao desenvolvimento emocional-afetivo da criança. No primeiro ano de vida, o bebê mantém uma relação visceral com a mãe, onde ele a considera como uma extensão de seu próprio corpo, até acontecer à divisão do “não-eu” e do “eu” do bebê. Para que haja uma boa formação psíquica deste bebê, é preciso que esta mãe e o ambiente que lhe cerca sejam suficientemente bons, Winnicott, evitando assim “falhas” ou carências, que podem gerar grande ansiedade, que por sua vez, pode comprometer a constituição da sua subjetividade.

A mãe, ao tocar, manipular o bebê, aconchegá-lo, falar com ele acaba promovendo um arranjo entre soma e psique e, principalmente ao olhá-lo, ela se oferece como espelho onde o bebê deve se ver. A forma como esta mãe olha o bebê (expressão facial) devolve a ele a sua imagem corporal, como forma de comunicação.

O ato de tocar se insere em alto grau de importância desde a convivência gestacional e posterior a ela, onde o contato da mãe com o seu bebê; já implica em momentos favorecedores na formação da criança. O toque imediato após o parto, estabelecendo o vínculo entre mãe e bebê; o toque na amamentação, gerando trocas positivas entre ambos, e evitando a tensão que possa ocorrer conforme o estado emocional presente, e ainda, a geração de bem estar na mãe, ao perceber o tipo de ajuda favorável que oferece ao seu filho. Encontramos também o valor do contato entre mãe e bebê prematuro assinalado no método Canguru, o qual demonstra os benefícios obtidos deste tipo de relação inicial.

No campo físico, o tocar viabiliza o bom funcionamento da respiração e digestão, entre outros pontos. No desenvolvimento psíquico e social fica evidente a relevância do tocar, principalmente se através dele, é possível estabelecer um vínculo melhor entre a mãe (ou quem cuida) e o bebê, gerando assim uma tendência na criança, de criar e manter outros vínculos mais seguros ao longo de sua vida social. O bebê, por encontrar um contato desta magnitude em sua formação inicial, vai formando uma personalidade sadia e percebe o mundo de forma agradável, sentindo-se aceito e bem quisto com o passar do tempo, formando então, uma boa autoestima, instrumento imprescindível na conquista do mundo que vai se desvelando conforme avança em seu crescimento e na manutenção das relações que vai estabelecendo com as outras pessoas.

A comunicação é fator relacionado ao tocar, uma vez que o bebê percebe, por meio de respostas de contato com o outro, a forma como é tocado, mediante os seus apelos de cuidados. O contato da relação proporciona as impressões de comunicação dos dois lados: mãe e bebê, os quais acabam interagindo, cada vez mais, conforme avançam nesta troca, levando, conseqüentemente, a constituição do sentimento de unidade.

Encerramos este trabalho, certos de que há a necessidade de tocarmos com carinho os bebês no cotidiano e, conseqüentemente, a criança que se desenvolve posteriormente. É possível ainda compreender, dentro da perspectiva de contínuo desenvolvimento, que o tocar é importante para o jovem, o adulto e o idoso, que são apenas um ser humano, em suas diferentes dimensões com relação ao tempo. Este tocar carrega em si numerosos benefícios em forma de estímulos que geram um melhor desenvolvimento físico, emocional e social, potencialmente gerador de uma personalidade terna e amável no adulto posteriormente. O que talvez esteja emperrado no momento seja a falta de hábito e não, pura e

simplesmente, o desconhecimento sobre o tema e suas conseqüências. O trabalho necessário por hora é o de agregar estas duas informações, uma teórica (informação) e outra prática, despertando a necessidade do hábito (o tocar), aumentando a chance das crianças quanto a um melhor desenvolvimento.

O ato de tocar é um comportamento que pode conter alguns elementos fundamentais para o desenvolvimento do ser humano, principalmente as crianças, desde a vida intra-uterina, proporcionando bem estar físico, emocional e social. A qualidade do toque na vida infantil pode gerar tendências positivas no decorrer do seu crescimento, levando-a a formação de uma personalidade terna e amorosa.

O brincar no desenvolvimento infantil

Resumo

Há na natureza uma sabedoria própria, um constante ensinar sobre aquilo que é natural e parte de nós seres humanos, o caminho essencial, que pode ter o mesmo número de configurações quanto de personalidades diferentes das pessoas. Este caminho natural, do desenvolvimento humano, tem características próprias, ao mesmo tempo em que é flexível frente às mudanças e conseqüentes adaptações das quais nos submetemos constantemente, porém, até o momento, uma delas, objeto de estudo neste trabalho, tem se mostrado fundamentalmente convicta de sua própria existência, competente nos seus efeitos, simples em seu conceito e dinâmica, e complexa no que se refere a sua atuação no ser humano, esta estrutura invisível, o brincar, tem todo este acervo de conteúdos em seu bojo, oferecendo a quem dele se utilizar, possibilidades naturais de sermos mais naturais, principalmente, na infância, onde construímos a nossa base principal, suporte para toda uma vida. Ser natural nos possibilita o melhor acesso a nós mesmos durante a vida, para que possamos nos observar, ora externa, ora internamente, e nessa alternância de constante reconhecimento de si mesmo, lidamos com boa parte de nossos conteúdos, para que, finalmente, estejamos sempre nos permitindo continuar o caminhar do nosso desenvolvimento.

O brincar é essencial às crianças e nos revela de diversas formas que tem poder terapêutico natural, além de constituir auxílio na boa formação infantil, nas esferas emocional, intelectual, social, volitiva e física. Esquecer-se do brincar é também esquecer de viver

com qualidade de vida, e, ao oferecermos às crianças a possibilidade de brincar, oferecemos muito mais do que o ato em si mesmo, visível aos olhos; estendemos uma perspectiva de vida melhor, um desenvolvimento mais natural e eficiente, uma socialização decorrente de tão somente brincar, e ainda mais, a possibilidade de se reconhecer como ser, na terapia constante do expressar e concretizar criativamente os recursos internos de que dispomos.

Introdução

A proposta deste trabalho é a de transitar pelas experiências clínicas vividas por diversos profissionais de atuação junto à infância, que se utilizaram do instrumento lúdico em terapias e que deixaram uma rica e vasta teoria para novas e constantes pesquisas, e, relacionar este procedimento ao brincar natural, objeto em foco deste estudo, procurando sinalizar ao final da pesquisa, os valores que representam este mesmo brincar natural. Objetivamos entender se a natureza encontrada no brincar durante a infância tem efeitos positivos quanto ao desenvolvimento e em quais esferas ela acaba por atuar.

O brincar

Klein (1975) nos fala sobre as descobertas da psicanálise que resultaram numa criação de uma nova Psicologia Infantil.

O terapeuta busca a comunicação da criança e sabe que geralmente ela não possui um domínio da linguagem capaz de transmitir as infinitas sutilezas que podem ser encontradas na brincadeira por aqueles que as procuram.

É a brincadeira, conforme Winnicott (1971) que é universal e que é própria da saúde: o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia; finalmente, a psicanálise foi desenvolvida como forma altamente especializada do brincar, a serviço da comunicação; consigo mesmo e com os outros.

É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança e adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self).

Conforme Arzeno (1995) Devemos nos comunicar com as crianças através da brincadeira ou jogo e de algumas palavras simples que possam captar claramente.

Junqueira nos diz que, o desenvolvimento infantil se encontra particularmente vinculado ao brincar, uma vez que este último se apresenta como a linguagem própria da criança, através da qual lhe será possível o acesso à cultura e sua assimilação. O brincar se apresenta como fundamental tanto ao desenvolvimento cognitivo e motor da criança quanto à sua socialização, sendo um importante instrumento de intervenção em saúde durante a infância.

No trabalho clínico fica evidente a importância da atividade lúdica para as crianças. “Nesta posição de descobridores, adquirem novas habilidades (as funções do brincar estão ligadas à construção do próprio corpo), enfrentam emoções complexas e conflitantes reencenando a vida real.”

No trabalho clínico, as pessoas que dele necessitam, visam buscar o eu (self) através de suas experiências criativas, e o instrumento brinquedo, em sua utilidade maior, o brincar, fornece dados variados e fundamentais, que, do ponto de vista da ludoterapia, há uma utilização mais específica quanto ao diagnóstico e a terapia com o auxílio desta técnica, mas é evidente que ela se abre em novas possibilidades conforme percebido em cada

profissional. Possibilidades estas, que derivam do ambiente terapêutico, tais como facilitar o contato com a criança, expressão de sentimentos, construção de conhecimento e autopercepção, além de percepção do contexto familiar.

No desenvolvimento da criança podemos encontrar agentes colaboradores, através do brincar, tais como a construção da convivência em sociedade, o desenvolvimento emocional e intelectual, cabendo ainda, o desenvolvimento volitivo e físico.

Nestas esferas fundamentais de base e estruturação infantil, encontramos a ação do ato de brincar como forte instrumento desencadeador. As possibilidades dele decorrentes sinalizam a sua importância no cotidiano da criança, trazendo a tona uma discussão que já ganhou terreno na educação dos filhos, de um modo geral: permitir uma variedade maior quanto ao tempo e estilos no brincar, ou restringir estes dois itens, tendo como justificativa o grande volume de estímulos a que as crianças são submetidas por conta da escola e cursos variados que fazem atualmente e, numa intenção de protegê-las dos perigos sociais que são noticiados diariamente, resultando o brincar numa permissão de curta duração, e em apertados e sempre definidos ambientes.

Cabe uma nova reflexão sobre esta situação conflitante, na qual, restringimos a área de possibilidades das crianças, controlando excessivamente o brincar, elemento pelo qual o desenvolvimento infantil encontra chances de crescer em várias esferas e com isso, limitamos o potencial, paradoxalmente à uma época em que a tecnologia entra em cena para auxiliar neste mesmo intento e parece ter encontrado espaço de sobra para atuar.

O brincar natural precisa encontrar mais campo e permitir que a infância percorra por ele, desenvolvendo corpo, mente e espírito, além de abrir as portas da comunicação do mundo interno para o externo e vice-versa, a medida que a criança conquista espaço neste

terreno, avançando em seu caminhar rumo ao crescimento e bem-estar.

Resultado de pesquisa

As informações resultantes do questionário de pesquisa apontam alguns dados que delineiam o nosso perfil quanto ao brincar durante a infância, bem como alguns aspectos ligados às funções clínicas da Ludoterapia e seus instrumentos inerentes.

Dos profissionais pesquisados, havia algumas especialidades, dentre elas, da linha junguiana, psicanalítica e gestáltica.

Sobre a utilização e o porquê da técnica ludoterápica, as afirmações indicaram a necessidade diante dos casos de tratamento psicológico e emocional, percepção do contexto familiar, na situação psicodiagnóstica e posteriormente na psicoterapia, para realizar aproximação e contato com a criança e estratégia de construção de conhecimento e autopercepção.

A indagação, "No seu entender teórico-prático, a criança se expressa por meio do brinquedo?" , nos posiciona que, sim, todos os profissionais alegaram afirmativamente quanto as crianças se expressarem através do brinquedo enquanto brincam.

Sobre o efeito terapêutico da ludoterapia sobre a criança, foi possível perceber que, seis sétimos, em torno de 85% das crianças obtêm este resultado proposto pela técnica em questão.

A pergunta "Em que colabora o brincar na formação da criança?", os resultados mostram que, 38,9% dos pesquisados alegou que o brincar colabora na formação emocional, intelectual, volitiva, social e física, e, de outro lado, concordando integralmente com as questões emocional, intelectual e social, descartando a volitiva e a física, montavam 61,1% dos entrevistados.

Considerar o brincar como parte da psicologia preventiva do ser humano obteve o resultado de 100% nas respostas, destacadamente, aquela onde se ressalta o termo "fundamental".

Ao serem questionados quanto as formas de se brincar, qual teria os melhores recursos psicoterápicos para a criança, foi indicado que, 40% apontam as naturais, como o barro, as físicas e esportivas e as semi prontas e os jogos, 33,33% disseram ser as prontas, como a boneca, as manufaturadas, como a pipa e o playground, e, por último, 26,67% apontaram os eletrônicos.

Discussão

Da análise dos resultados obtidos desta pesquisa, relacionamos que no trabalho clínico, as pessoas que dele necessitam, visam buscar o eu (self) através de suas experiências criativas, e o instrumento brinquedo, em sua utilidade maior, o brincar, fornecem dados variados e fundamentais, que, do ponto de vista da ludoterapia, há uma utilização mais específica quanto ao diagnóstico e a terapia com o auxílio desta técnica, mas é evidente que ela se abre em novas possibilidades conforme percebido em cada profissional. Possibilidades estas, que derivam do ambiente terapêutico, tais como facilitar o contato com a criança, expressão de sentimentos, construção de conhecimento e autopercepção, além de percepção do contexto familiar.

A questão ludoterapia foi enfatizada no entender teórico-prático dos entrevistados, os quais concordaram, na sua totalidade, que a criança se expressa por meio do brinquedo.

Foi notado que a maioria das entrevistas indicou que durante a ludoterapia clínica, a criança obtêm algum efeito psicoterápico, constatação esta, dentro do ambiente técnico da psicoterapia.

Indagamos se existiria algum efeito terapêutico na criança, apenas brincando, sem estar numa sessão, o que nos foi respondido,

na sua maioria, que sim, a criança obtém este efeito terapêutico. Alguns profissionais responderam que não, e outros que um pouco. Uma maioria indicadora de que o brincar natural, isto é, fora do cenário técnico, é gerador de efeito terapêutico, uma qualidade na vida das crianças que utilizam deste recurso tão antigo e nosso tema em voga. Dispomos que o brincar é por si mesmo uma terapia. Oferecer às crianças o brincar é em si mesmo uma psicoterapia que possui aplicação imediata e universal, e viabiliza a elas uma atitude social positiva com respeito ao brincar.

No desenvolvimento da criança podemos encontrar agentes colaboradores, através do brincar, tais como o fator social entre eles, a construção desta convivência em sociedade, o desenvolvimento emocional e intelectual, para todos os pesquisados, cabendo ainda, o desenvolvimento volitivo e físico para 38,9% deles.

Conclusão

A pesquisa revelou que o brincar natural tem expressivo efeito terapêutico por si só, além de auxiliador no desenvolvimento infantil, nas esferas emocional, intelectual, social, volitiva e física, demonstrando a sua fundamental importância neste período riquíssimo do ser humano, ou seja, a sua própria estruturação, a base construtiva do que tenderemos a chegar no desencadear de nossas vidas, dando-nos o asseguramento necessário para a progressão natural do ciclo vital humano.

O encerramento deste trabalho, apenas abre, ainda mais, a discussão sobre uma temática tão importante de nossas vidas, pois que já fomos crianças em algum tempo, o brincar natural, os brinquedos que fazem parte de nosso desenvolvimento. Cabe lembrar ainda, que trabalhos nesta direção podem e devem apontar hipóteses para a questão do convívio social, elemento pelo qual apenas esbarramos, sem nos atermos, haja vista a sua enorme dimensão.

Pesquisas que possam somar informações e valores de como ocorrem os relacionamentos entre as crianças atualmente, dentro de seu universo do brincar, fonte de estruturação também no campo do progresso humano. E, por fim, ressaltar a proposta e objetivo desta pesquisa, sinalizando para quem dela tome posse, que, aquilo que já intuitivamente sabíamos pela natureza das coisas e a própria experiência humana é trazida neste trabalho, pela pequena colaboração científica encontrada nele, que, o brincar natural, tem no mínimo, o poder de colaborar no desenvolvimento das crianças, servindo-lhes ainda, como fonte terapêutica natural.

Psicologia Preventiva na Infância

No nascimento do bebê os pais encontram-se tensos e cheios de curiosidade e esperança, formulando ideias a respeito de sua geração vindoura. As perguntas mais frequentes circulam entre o estado de saúde e estético do descendente que anuncia a sua chegada por meio das contrações maternas. Durante os meses que antecedem este momento precioso da natividade, muitos pensamentos e conversas são lançados acerca do bebê; seu convívio familiar e o desenvolvimento, além dos prováveis comportamentos que terá conforme cada etapa de seu viver. Incluem-se neste pacote de expectativas, alguns desejos pessoais dos pais, a exemplo da educação que desejam dar, formação acadêmica, etc. Apesar de toda esta preocupação, costuma faltar uma série de informações importantes a respeito de como se dá a constituição psíquica no bebê, elemento colaborador para os pais na estruturação dos filhos.

O primeiro contato com o bebê ocorre por via intra-uterina, onde a mãe já mantém fortes e essenciais laços com o seu filho. Nesta convivência, é importante saber que o bebê sente muita coisa, e isto ocorre através das variadas ingestões e percepções de sua mãe, sendo pela placenta, o veículo no qual muitas substâncias chegam até ele, inclusive hormônios estressantes, originados em situações respectivas a que esta mãe se expôs. Cabe lembrar que sempre estamos sujeitos a este tipo de condição, porém, o que se torna recomendável é que se tenha uma gestação mais equilibrada emocionalmente, procurando reduzir o contato com constantes situações que favoreçam o surgimento do estresse, haja vista o considerável número de bebês prematuros advindos destas convivências.

Além disso, é possível “acessar” o bebê por meio de carinhos feitos na barriga e constantes conversas dirigidas a ele, de forma serena e doce, ajudando-o e a si própria, criando uma atmosfera mais amorosa e saudável.

Do nascimento em diante entramos em nova etapa, em que as expectativas vão sendo confrontadas com a realidade. Muitas possibilidades podem acontecer a partir do nascimento, levando-se em conta o estado psicológico dos pais, que podem estar felizes e se fortalecer familiarmente ou apenas um se encontrar nesta condição e ainda, nenhum dos dois, e as decorrências pertinentes a cada caso, tais como uma maior motivação a respeito do conjunto família e o dependente bebê, e os casos em que ocorrem as brigas conjugais, e com o tempo, as possibilidades de separação. O nascimento de um bebê pode trazer consigo algumas dificuldades pessoais e de relacionamento, em casos onde encontramos problemas infantis mal resolvidos nos próprios pais e que agora são despertados de seu estado mais dormite e acabam por gerar conflitos internos e conseqüentemente causando determinado tipo de angústia, em determinado grau, conforme cada caso, e isso ocorre de forma inconsciente, o que dificulta ainda mais o entendimento acerca de si mesmo e do outro, fomentando a estranheza e dúvida entre si. Nos casos em que esta situação aconteça e não seja possível a manutenção de um relacionamento saudável, se faz necessária a ajuda de um profissional em terapia psicológica.

Podemos encontrar os casos de problemas na relação, em virtude do bebê, este terceiro, que chega, da noite para o dia (e é assim que ocorre em função do sair da barriga para o mundo externo) numa vida que até então pertencia a dois. Alguns pais acabam se adaptando mais rapidamente, porém, outros demoram mais, não conseguindo admitir aquilo que é evidente: o ciúme, diferentemente dos casos em que a esposa não deseja estar próxima

do marido. Se houvesse uma rápida percepção acerca de tais fatos, seria possível uma adaptação em menor tempo, uma vez que se podem trabalhar os sentimentos e sensações do ciúme, conversando com o outro. O diálogo é capaz de oferecer ideias e impressões que podem trocar uma condição por outra, desmistificando fantasias sobre o gostar menos, do amor ter acabado e tantas outras.

Neste momento inicial, os pais têm papéis específicos, e ao mesmo tempo, conjunto, em prol de receber e manter bem o bebê que chegou. Para tanto, o marido tem que prover a esposa de todas as necessidades básicas existentes, como a sua alimentação, sono e descanso e amor, sem esquecer do entretenimento, para uma saúde mais global. A mãe, por sua vez, é capaz de encontrar disponibilidade para satisfazer as necessidades elementares de seu bebê, o alimentando, mantendo a sua higiene e dando carinho. Existem muitas formas de oferecer alimento, cuidados e amor ao bebê, incluindo o pai também.

A formação psíquica do bebê

Das muitas formas de se oferecer alimento, higiene e carinho para o bebê, trataremos daquela que entendemos ser a mais adequada e mais humana possível.

Quando o bebê sente-se com fome e lhe é oferecido o leite materno, nele encontram-se propriedades nutricionais e de proteção orgânica, como a água, vitaminas, sais minerais, calorias, carboidratos, proteínas e lipídeos em quantidade e qualidade necessárias para o bom desenvolvimento. Contudo, existem os casos em que a mamadeira se torna o veículo desta alimentação.

Muitas mães precisam retornar ao trabalho, interrompendo importante período de cuidados para com o seu bebê, e nestes casos

se faz necessária uma correta continuidade de fornecimento de leite; alguns procedimentos devem ser seguidos por orientação do posto de saúde ou de hospital, tais como a preparação e a higiene do seio e das mãos, pois existem muitos germes em nossa pele; a coleta do leite, podendo ser manual ou por extração com bomba; o armazenamento em congelador ou freezer; e o aquecimento em banho-maria para o uso. Os profissionais em pediatria e nutrição sinalizam a importância destes fatos, que colaboram e determinam formas ideais no desenvolvimento infantil.

No momento em que é dado o leite para o bebê, chamamos a atenção para uma circunstância que se agrega a estes fatores já mencionados: a forma na qual é oferecido o leite. Para o bebê, que em seu início de vida e durante alguns meses percebe o mundo por meio de experiências sensoriais, ou seja, a forma como é segurado, acariciado, tom de voz, tensão ou estado relaxado de quem o toca, o leite lhe assegura a satisfação fisiológica, porém, não pode por si só, proporcionar o contato afetivo, que, quando existente, por meio da atenção que dispensamos a ele, no tocar seguro e ao mesmo tempo suave, nos carinhos que fazemos na tranquilidade e paciência com que o permitimos mamar, gera um bem estar interno, causando-lhe sensações agradáveis, e, por conseguinte, a um desenvolvimento ideal, constituindo aí, grandes chances de auxiliar na formação de um adulto saudável. O bebê vai percebendo com o tempo, a sua maneira, o quanto é querido, por meio destas vivências, onde o alimento é capaz de estar associado a algo prazeroso, orgânica e psiquicamente.

Tendo em vista esta segurança oferecida ao bebê, é possível compreender outro aspecto na atenção necessária, que é a presença de quem cuida dele, quando ele precisa. O equilíbrio sempre será a via condutora de nossas dúvidas, e é por meio dele que devemos nos orientar para estar presente quando o bebê estiver com algum incômodo, seja a fome, dor ou necessidade de higiene, colocando-nos

no tempo adequado, sem falta ou grande atraso que causam o desespero do bebê, e no outro extremo, a presença quase compulsiva, na qual o bebê mal emite qualquer som, e nos portamos tensos, querendo oferecer tudo e a qualquer preço, lembrando que é de muito pequeno que iniciamos a educação de nossos filhos, introduzindo gradativamente os hábitos que consideramos importantes. É preciso estar lá quando a necessidade do bebê se fizer evidente, do contrário, as sensações dele serão de desconforto e farão parte de sua constituição psíquica, porém, vale a pena ressaltar sobre a questão da constância no ato, que faz jus aos resultados, sem esquecer ainda que cada pessoa varia de acordo com a sua herança genética e o meio no qual convive.

Nos primeiros meses de vida, o bebê vai configurando a sua própria existência, e os pais e os cuidados dirigidos a ele são os conteúdos que se transformam em boas ou más experiências, levando a alguns tipos de desenvolvimento, como o saudável ou o patológico. O bebê recebe os cuidados de fora, sente a sua qualidade e as incorpora, devolvendo para o exterior a suas impressões, ou seja, como ele está se sentindo. É um constante entrar e sair de comunicações que constroem, fazendo-nos perceber o quanto é importante o que oferecemos ao bebê, deixando para trás, aquela idéia de que os bebês não guardam as suas experiências, e mais, por serem isentos das artimanhas de convivência dos adultos, eles estão ainda mais abertos e receptivos a tudo o que os rodeia, tornando-se verdadeiras "antenas" que captam a detalhes que passam despercebidos por nós: gente grande.

A socialização da criança

Desde a infância, onde o bebê quer a satisfação de suas necessidades e posteriormente dos desejos, deve ocorrer gradativamente, a partir da compreensão dele, a passagem daquilo que é só prazer por aquilo que é realidade, tendo em vista o convívio social e os limites desta mesma convivência. A criança que possui uma vida sem limites quanto às satisfações próprias, passa a penetrar no universo social das relações, tendo, para isso, que limitar a sua prazerosa satisfação anteriormente vivida, o que acarretará em conflito, denominado neurose. Neste período de transição, o ego da criança vai se formando e com isso vai tomando consciência sobre a realidade vivida. Este ego acaba exercendo uma função fundamental enquanto mediador do conflito, procurando oferecer acesso ao prazer, ao mesmo tempo em que precisa controlá-lo, baseado no seu aprendizado externo, ou seja, aquilo que aprendeu e internalizou sobre os controles de convivência, tais como a moral, o pecado, a educação familiar e as regras sociais. Caso não seja possível tal mediação, a mente acaba tomando diferentes direções, na tentativa de se defender, procurando reduzir as ansiedades causadas por este descontrole. Contudo, nada passa despercebido ou é permanentemente (no sentido estático) "esquecido" ou "jogado fora". Destes acontecimentos que aliviam temporariamente, decorrem os conflitos, numa força dinâmica, e que vai fazer ressurgir aquilo que foi banido, porém, o retorno será sob algum disfarce, pelas neuroses, uma vez que não conseguiríamos lidar com a sua forma original, motivo inicial de tal afastamento.

Percebemos então, a grande tarefa que é o educar, levando em conta estes aspectos sutis e quase que imperceptíveis acerca do dinamismo que se processa nas cabeças das crianças, desde tenra idade.

A responsabilidade de quem cuida e educa uma criança vai além do oferecer alimento, higiene, segurança e escola, sinalizando nesta convivência o elemento emocional como fonte de uma boa construção mental ou não, e a convivência social que decorre deste conjunto de acontecimentos, podendo gerar uma edificação favorável nos casos onde se estabeleça uma harmonia familiar, de interesses focados na qualidade de vida que seus membros possuem.

Circunstâncias em que a criança sente-se amparada e acompanhada de perto, estimulam o seu desenvolvimento global e propiciam maior abertura e adaptabilidade ao convívio com o seu meio, criando uma atmosfera agradável nas convivências da comunidade, apesar dos problemas de relacionamento habituais que possam existir em vários momentos da vida. Quando a criança possui uma estrutura de personalidade satisfatória, acaba encontrando formas criativas para lidar com os contratempos sociais.

Outro fator de peso nesta construção socializadora da criança, é a forma como agem as pessoas que cuidam dela, ou seja, os comportamentos adultos acabam atuando como uma referência. Em cada atitude e expressão diária do adulto, a criança encontra um modelo a ser experimentado em sua formação, então, a importância dos hábitos familiares tem um papel de destaque e devem ser observados constantemente, no intuito de trocar comportamentos inadequados que possam comprometer a socialização infantil, pondo no lugar, outros mais favoráveis.

Quando ocorre uma boa socialização na infância, há um movimento de conquista por parte da criança, levando-a a perceber melhor e internalizar o mundo a sua volta e, devolver tais impressões por meio das relações com as outras pessoas, ganhando espaço e "registrando" a sua presença como ser humano. Conquistar o seu espaço no mundo é muito bom, uma vez que dá a sensação de

valorização pessoal mediante o exercício de aceitação de quem somos enquanto seres em constante construção, pelo outro com o qual convivemos, seja ele um parente ou um colega.

Motivação Infantil: sua importância para a vida adulta

A motivação humana é observada desde tenra idade sob diferentes formas. O bebê que busca a satisfação de sua fome, somada ao aconchego de um colo quente e acolhedor, demonstra, ao sugar o peito ou uma mamadeira, possuir motivação de sobra, através de seu instinto e da fisiologia que lhe cobra a nutrição e os afetos, expressos pelo choro, por vezes intensos e fortes, e os movimentos mais bruscos de braços e pernas.

Em outra época, cujo desenvolvimento permite certa independência de movimentos de locomoção e manipulação de objetos, vê-se outras possibilidades inerentes ao tipo de motivação na criança. No brincar, especial circunstância do cotidiano infantil, encontra-se rica fonte de informações acerca de seu mundo interno: suas emoções e pensamentos.

Para a criança, que busca entretenimento de diversas formas, valendo-se de sua ilimitada criatividade, os objetivos do brincar demonstram ter pouca importância, e sim, a sua exploração; o seu meio. Ao observá-la durante a brincadeira, percebe-se que há momentos em que ela apenas age sem qualquer finalidade ao brincar. Todavia, há circunstâncias em que a criança encontra uma finalidade naquilo que está fazendo. Por exemplo, ela pode encher uma pequena pá de areia e permanecer imóvel, tentando imaginar o que fazer com aquilo. E, pode iniciar um movimento freqüente de esvaziar a areia em uma caçamba de brinquedo. Demonstrando, assim, emprego concentrado de energia naquela atividade, além de manter-se estável na freqüência de seus comportamentos.

Isto posto, pode-se caracterizar tal situação, dividindo-a em duas etapas. A primeira, em que existe o objeto (pá e areia), porém,

não há uma finalidade a ser atingida. A segunda, na qual é acrescentado um novo elemento: a motivação, percebida na concentração exercida durante o frequente movimento de encher a pá com a areia e esvazia-la na caçamba, repetidas vezes.

Portanto, observa-se a forte presença de motivação por meio de determinada atividade, presente em uma criança de tenra idade, aos dois anos, por exemplo.

Com o avançar da idade, nota-se novo momento de se construir a motivação. Uma forma de exemplificar este processo na psicologia infantil são as competências adquiridas. Tornar-se competente em seu meio social, leva a criança à motivação. Uma habilidade motora específica nos esportes pode ser desenvolvida e isto é capaz de acionar o desejo de se empreender tal atividade com determinado empenho. O reforço externo, relativo à performance das habilidades adquiridas vindo dos pais e conhecidos, possibilita o incentivo a motivação. Se a performance for percebida pela criança, ao adquirir um aperfeiçoamento, então, poderá levá-la a uma boa autoestima, e também à motivação intrínseca ou interna.

Por outro lado, a criança que pouco percebe as suas competências, necessita de maior estímulo externo, possui baixa autoestima e demonstra-se ansiosa, e ainda, enxerga pouca perspectiva de melhora em suas habilidades.

O segredo está em conseguir conciliar o desenvolvimento da motivação intrínseca da criança (pela autopercepção dos avanços obtidos e o processo necessário), com o apoio da motivação extrínseca ou externa (avaliação dos adultos, informações a respeito, elogios verdadeiros, etc). Este tipo de desenvolvimento requer acompanhamento, contato e participação. Os afetos devem estar presentes, uma vez que são fonte fundamental de motivação, além das informações que se fazem presentes em cada situação. Boa dose

de paciência e vontade complementam o arsenal de instrumentos necessários ao adulto para que colabore quanto ao desenvolvimento motivacional da criança.

A motivação deve receber especial atenção e ser mais bem considerada pelas pessoas que mantêm contato com as crianças, realçando a importância desta esfera em seu desenvolvimento. A motivação é energia para a aprendizagem, o convívio social, os afetos, o exercício das capacidades gerais do cérebro, da superação, da participação, da conquista, da defesa, entre outros. Pais ou cuidadores, educadores e especialistas que lidam com as crianças podem levar em conta a construção motivacional na infância, antevendo as suas decorrências futuras, tais como a autopercepção e o hábito de desenvolver a motivação intrínseca, reduzindo a necessidade de buscar motivação extrínseca para a realização de alguma tarefa.

De que maneira os adultos compreendem a motivação na infância? Que tipo de acompanhamento é oferecido à criança, visando o seu desenvolvimento global e, particularmente o desenvolvimento da motivação? Que respostas relacionadas à motivação podem ser esperadas de um adulto que pouco desenvolveu a sua capacidade motivacional intrínseca na infância?

Ao compreender aspectos da motivação neste período da vida, facilita ao adulto o entendimento sobre que tipo de ajuda poderá oferecer à criança, desde que haja um compromisso nesta relação. A sua presença é fundamental. A criança se sente motivada a executar muitas tarefas em virtude do reconhecimento e impressões daqueles com quem convive, na tentativa de demonstrar a sua evolução e as conquistas que realiza. Os bons motivos serão sempre a chave para o desenvolvimento natural da criança, além de gerar harmonia entre os elementos internos e externos, parte de nossa própria natureza humana.

A motivação infantil tem lugar de destaque no desenvolvimento de nossa espécie. Não é algo que deva ser fonte de preocupação posterior. É no aqui e agora que as coisas acontecem. Esta oportunidade pode passar, e então, criar dificuldades em outro momento. Colaborar já é motivo de boa qualidade no convívio atual e especial preparação para o futuro.

O grande amor das meninas

Falemos do amor, e é claro que com a pretensão de sermos ousados ao mesmo tempo em que tratamos das deliciosas trivialidades que o cercam, sem fugir à coincidente responsabilidade, pois neste campo, bem o sabemos, o que parece ser simples, muitas vezes é absurdamente complexo, e o que demonstra pouco ou nada custar, por vezes nos é caríssimo, indo além do que podemos pagar na exigente economia dos sentimentos e das emoções.

Mas não é um amor que se possa enxergar com clareza todo momento, mesmo que seja dito pelos corredores do acaso ou murmurado nas esquinas da rotina, ainda que suscitado em bate-papos de intensa saudade, ou na meiga descrição que lhe é peculiar por sua exuberante força contida nas relações entre o lado que possui adoração pelo objeto amado e a expectativa de que o contrário também seja tão ou mais intenso, mas pode, ademais, ser omitido, e, em seu extremo, profunda e desatinadamente atacado. O difícil acesso à chave sobre o incansável assunto se deve pelo simples fato de nem sempre existir coerência entre o que é dito (ou pensado) e o que se oculta nas gavetinhas secretas do coração, fruto de constantes reorganizações internas à medida que se fizeram autoritariamente necessárias, a cada frustração, a cada tristeza...

Então, neste caso, o amor que tanto é cultuado em forma de deliciosa devoção e de alcançar a promessa quase religiosa de um paraíso terrestre, é senão aquele magnífico sentimento tão antigo quanto presente, das meninas por seus pais. As eternas meninas que habitam o encarnado templo feminino das mulheres, embora adultas, e por vezes mais maduras do que a vida poderia exigir, garotas, simplesmente assim, em seu estado originalmente puro, como se

uma foto ultrassentimental permanecesse no porta-retratos de uma eternidade amorosa e caprichosamente acolhedora.

As mulheres que passam longas horas em seus trabalhos, desdobrando-se bravamente em estudantes (ou em mais trabalho) que lhes resulte em melhores oportunidades de sustento de seus lares, têm dentro de si uma menina que teimou em crescer, batendo o pé para as horas e os dias, mesmo que lhe passassem à face do que é cobrado em tantos sentidos, a começar pela roupagem de esposa que as reveste em parte de seu precioso tempo, reinventando-se criativamente em novos e difíceis papéis diários, então, quando trazem seus filhos ao mundo. Mas, e o seu universo infantil, suas histórias repletas de ricas emoções e gostosa discricção, secretamente revelada?

Ah! Se as bonecas falassem! Mil diários revelariam mil vezes mil declarações de amor, qual uma afável poesia, os segredos dos amores de infância, ao mesmo tempo silenciosos e mantidos a sete chaves, e ensurdecedores à altura de sua importância e força dos sentimentos. Sonhos de muitas cores e contornos, mas de um tema único, inigualável em cada expressão, irremediavelmente invariável, sua majestade do terno reinado afetivo, o pai.

Mas, ah! Se as bonecas chorassem também! Quantas incontáveis lágrimas já escorreram através do meigo caminho entre os expressivos olhos de amor frustrado, margeando o nariz em incontida respiração ofegante, contornando os arqueados lábios da decepção, até alcançar, finalmente, depois de longa e inconsolável viagem, o contraído queixo ante todo o pesar imposto sombriamente em total ato de mau gosto e velhaca surpresa.

À penosa condenação, precedeu o imperdoável crime de amor, a ausência dele, fosse por meio de uma impossibilidade completa, fosse por sua desatenção, mesmo que presente. Ou, ainda, uma tola

rudeza. Ah! Pai! Um descuido aparentemente sem relevância, mas se lido nas linhas e entrelinhas de suas consequências, ali seriam notadas claramente as escritas trêmulas, mas legíveis da desilusão, e cravadas nas pedras dos sentimentos, sempre possível de serem redescobertas através da aventurosa arqueologia íntima, seja espontânea ao esbarrar oportunamente em algum pedaço do vaso partido e perdido nas areias do esquecimento, seja intencional, ao dividir a bravia jornada interior com alguém.

Quantas confidências, quantos suspiros e meias palavras para dizer tanto! Tudo! Na verdade. O mundo é senão aquele pequeno globo de sentimentos, cujas órbitas paternas tanto fazem aproximar o reconfortante sol com seus raios de apreço e alegria, quanto afastar, trazendo fria distância e redobrada necessidade de inquietante atenção sobre a inconstância impiedosa do universo pessoal. Por vezes, simpática estrela brilhante, por vezes, carrancuda escuridão. Ora dia, ora noite!

Sim, eis o grande amor das meninas, seus pais, por quem se devotam antes mesmo de compreenderem o significado da palavra devoção, adorando-os em submissão amorosa, provinda da alma apaixonada pela figura de seu herói onipresente, pois permanecendo fora de si, está, ainda, forte e incrivelmente, dentro, através das inebriantes imagens construídas fantasiosamente na calada da infância, nas noites de deleitosa formação das teias sentimentais, qual uma delicada e sutil aranha tarefeira, ágil nas tramas, lenta na admiração de sua própria obra.

A sombra dentro de nós

Desde o início da existência humana, o que mais se buscou ativamente foi o desenvolvimento, especialmente o da inteligência. Os saltos evolutivos dados nesta área permitem reconhecer, sem sombra de dúvida, que a capacidade do homem é ilimitada. Sabe-se, todavia, que a maioria das pessoas faz pouco uso desta mesma capacidade. Vê-se, continuamente, um modelo de massificação, no qual muitos crescem pouco e poucos avançam em maior escala, com autonomia e poder de criação. Eis um enorme desafio a ser explorado.

Para tantas coisas que podemos entender mais claramente em graus variados de consciência, acerca do modo de se viver e se comportar em sociedade, existem tantas outras em maior número, estima-se, de questões inconscientes ou obscuras. Sempre há de se notar nas pessoas, ideias e atos irreconhecíveis ou inexplicáveis, por parte daqueles com quem se convive e para consigo próprio. Este tipo de percepção pode levar à reflexão do porque o autocontrole que se acreditou existir, não passa de ilusão, banhada pela inocência da vaidade, que crê na possibilidade de domínio e autoridade total. Nos desconhecemos em demasia. Aceitamos algumas coisas e repudiamos outras, conforme o arbítrio do nosso filtro mental e o estado evolutivo em que nos encontramos.

O lado rejeitado pelo próprio ser humano é aquele no qual são guardados os desejos, memórias e experiências, compreendidas como incompatíveis ou abomináveis, conforme a compreensão social que se tem de certo ou errado. Estes conteúdos formam o nosso lado desconhecido, ou seja, a nossa sombra interior. A sombra é perigosa porque leva a pessoa a projetar inconscientemente nos outros, as

suas próprias qualidades indesejáveis, negando que pertençam a si mesmo.

Em seus estudos sobre o psiquismo humano, o médico Carl Gustav Jung (1875-1961) descreveu que a sombra representa o que consideramos inferior em nossa personalidade e também aquilo que negligenciamos e não desenvolvemos em nós. No entanto, acrescenta ele, a sombra é um grande depósito de energia instintiva, espontaneidade e vitalidade, e é a fonte principal de nossa criatividade.

Há em nós uma mescla do bom e do mal. Nos amamos e nos odiamos. Estão presentes em nós os opostos. Tememos este fato pela educação que recebemos, a qual nos imprime a ideia de que só podemos carregar o que for bom, e o seu contrário é pecado ou impróprio. Contudo, a nossa luta diária é ascender, crescendo continuamente, e não reprimir o que é parte natural da nossa criatura completa. É nos momentos de necessidade vital que permitimos, embora com pouca clareza, o surgimento de nosso lado obscuro, porém criativo, para criar formas de nos defender dos perigos que nos parecem cruciais. Toda a nossa energia e bravura assumem os papéis de heróis, salvando-nos dos riscos existentes. Em seguida, cedemos lugar ao comum, recolhendo a criatura para o seu esconderijo. Apenas nos momentos difíceis procedemos desta forma e, conseqüentemente, impedimos um maior aproveitamento de nós mesmos em outras ocasiões do cotidiano, a exemplo de ser mais agressivo nos negócios, ou mais enérgico a respeito de se valorizar melhor na vida social. Obstruímos o desenvolvimento de nosso ser mais amplo e, portanto, nos limitamos.

A sombra dentro de nós precisa participar mais vezes das oportunidades que o viver diário oferece. Desta forma, haverá maior evolução no conjunto que forma a entidade que somos. Não é

negando a sombra que facilitamos a convivência social e, ao contrário, lidando com ela em vários momentos, é que aprofundaremos as relações, conosco e com o outro. Não é um hábito fácil de adquirir, todavia, vale o esforço. Usar a sombra existente em nós é ampliar o crescimento e amadurecer melhor pouco a pouco, conhecendo-nos. Ser mais criativo e autônomo, à medida que se aceita o que antes se julgava inaceitável, e ainda se aperfeiçoa, além de reduzir, em larga escala, o fenômeno de massificação ideológica. Ou seja, as opiniões alheias têm importância, porém, nem tanto. Pensando assim, surge uma questão: Você se aceita em que grau? Gostaria de se aproveitar melhor? Qual é o seu limite de desenvolvimento?

Incerteza e Medo

A aparente ordem que nos cerca é capaz de causar o bem-vindo sentimento de tranquilidade para o qual nos prostramos diariamente, qual um altar de imenso valor espiritual a nos proteger dos muitos perigos existentes no mundo. Quando tropeçamos em situações de medo, contudo, a atmosfera de equilíbrio se desmancha rapidamente, como se acabasse o salvo conduto, levando-nos a redobrar os pedidos mentais de ajuda e breve retorno ao paraíso da paz, a aplacar qualquer tormenta vinda dos desajustes a nos rondar como bandidos matreiros na calada da noite.

Sob a mesmíssima condição aparente, escondem-se, todavia, receios que não enxergamos, apenas sentimos, fazendo despertar internamente, ansiedades de toda ordem, e, para o nosso desconsolo, suas sinistras fontes não se mostram com facilidade, evitando que as olhemos de frente e, oportunamente, possamos dar-lhes rumos diversos. Tais medos dizem respeito ao que não tem rosto propriamente, mas possui, na contrapartida, corpo, abrindo, pois, a chance de "tocá-lo", e, ao fazê-lo, definí-lo mais claramente por meio do percebido contorno, e saber, finalmente, contra o que é possível empreender reflexões, a fim de reduzir o mal-estar típico.

O futuro, tempo que se constrói, um eterno vir-a-ser, causa incerteza no presente, é uma árvore de rápido crescimento, cujos frutos, mormente, são amargos. O sabor desagradável se dá pelo grau de imprevisibilidade do porvir, e vale lembrar que sempre foi assim na história da espécie -- alvo da poesia e da filosofia --, um eterno roer de unhas, uma inevitável secura na boca ou a intrometida inquietude a percorrer nas veias. Mas, ressalte-se, a ansiedade varia de pessoa a pessoa, além de invadir épocas específicas à medida que

eventos estrondosos ganham espaço numa dada sociedade ou em várias, e, com o avanço de superpopulações, por exemplo, falta de recursos materiais, desemprego, crises econômicas e financeiras, desajustes políticos de setores fundamentais ao convívio, as incertezas rapidamente se alastram como uma epidemia, sobrecarregando o já carregado cenário.

Essencialmente, mesmo que desconheçamos, ou que ignoremos (aposto minhas fichas aqui), o mundo é descontrolado, ou, no melhor dos termos, apesar de decepcionante, aleatório. A expansão do universo, a geologia do planeta, a evolução biológica, a convivência social, as teorias das muitas ciências, o mundo secreto (não mais) dos átomos, enfim, olhe para o lado que for, tudo é banhado pela incerteza; difícil é localizar o permanente, o estável, a não ser a aparência, mas ela é só um estado de espírito ao qual nos apegamos com unhas e dentes. Mas, pergunte-se: a vida não é moldada somente pela flexibilidade existente, ainda que sob a forma caótica da incerteza? Não atravessamos a história, mesmo sob o risco permanente, e fizemos tudo quanto fizemos até aqui? E o que faremos no futuro? A aparência já não sustenta (ao menos por enquanto) o bem-estar do equilíbrio que tanto buscamos. Quem sabe podemos olhar mais de perto os fatos e encontrar justamente nesta compreensão, a consciência de que há riscos e ganhos, e que o medo diz mais respeito ao desconhecimento do que a aleatoriedade em si?

O homem das armas

Resumo

Guerrear desde tempos longínquos demonstra ser uma atividade pertinente ao homem, além de ser uma forma pela qual ele desenvolve o seu aperfeiçoamento e avança na trilha da evolução. Todavia, os resultados de cada batalha são sempre desastrosos, deixando feridas que marcam historicamente a dor e as perdas de quem foi vencido. Ao fazer uma analogia entre o passado e a atualidade é possível encontrar o comportamento encontrado nas guerras, presente nas atividades atuais de mercado, cujas armas são produtos, serviços, tecnologia e treinamento. Alguns vencem enquanto outros tombam neste cenário de contínuos embates que visam o poder e o dinheiro. Desta forma, percebe-se a necessidade de trocar estas armas por outra de superior requinte e refinamento: a inteligência. Assim, a civilização aumenta as suas passadas rumo à evolução, sem perder de vista o instinto ainda tão arraigado de lutar e conquistar, hoje sublimado pelas manobras estratégicas mercadológicas.

A guerra no passado e no presente

Por séculos o homem segue o seu instinto e age em conformidade a esta essência. A sua meta, crê-se, é a evolução, pela qual dominar-se-á o seu lado animal, ponto de origem e marco de uma era que modificou o mundo através do uso e desenvolvimento da inteligência. Não há como precisar exatamente em que ponto desta escalada encontra-se o ser humano. Contudo, estima-se que esta jornada possui longo destino.

Por força deste instinto tão forte e poderoso, muitos acontecimentos destacaram-se ao longo da construção histórica: a vida em sociedade e a criação das regras de convívio, as formas de se aprender e a geração do saber, a evolução tecnológica, a cura para muitos males, a penetração religiosa após o surgimento de seus porta-vozes e a expectativa de futuros diferentes.

Todos estes elementos têm causado impacto suficiente para levar o ser humano a movimentos que deixam marcas, ao sulcar o difícil terreno do chão histórico, e celebrar cada passo dado e registrá-los no livro das conquistas. Cada progresso é motivo de glória. Entretanto, nada disso ocorre, não sem a devida dor que é peculiar àqueles que perdem enquanto outros ganham, ou ainda pelo pouco que resta de uma vitória, cujos despojos podem ser apenas a miséria e a desolação. Alguns movimentos mais marcantes do homem são as guerras, as suas consequências e os resultados: conquista e poder.

A história relata muitas guerras pelas quais os homens passaram. Egípcios, gregos, troianos, romanos, hunos, visigodos, europeus, americanos, asiáticos, africanos, árabes etc. Da espada ao míssil, nada é certo a não ser a própria certeza da proximidade da morte e, destacadamente observável: o desejo de conquistar. Este fato é relatado pelo filósofo inglês do século dezessete, Tomas Hobbes (2002), quando retratou que em virtude das paixões o homem precisa conquistar as comodidades da vida ou o seu prazer, que o leva a ser egoísta e a buscar o poder que só termina com a morte. O instinto do alcance e do domínio parece suportar muito dos temores humanos relacionados ao conhecimento que tem acerca das lutas, e então, o espírito humano supera as suas barreiras e limitações comuns e ganha dimensões superiores no campo das conquistas. Tal fato é explicado por Descartes (2004), considerando que:

Para estimular em nós a ousadia e eliminar o medo, não basta termos a vontade de fazê-lo, mas é necessário considerar as razões, os objetos ou os exemplos que nos convencem de que o perigo não é grande, de que é sempre mais seguro defender-nos do que fugir, de que teremos a glória e a alegria de havermos vencido, enquanto não podemos esperar da fuga senão o desgosto e a vergonha de havermos fugido, e coisas do gênero.

Fadiman (1986) descreve a teoria do psicanalista Alfred Adler (1870-1937) que também colaborou ao desenvolver as suas idéias a respeito das limitações, ao enfatizar a importância da agressão e da luta pelo poder:

Agressão e poder como sendo manifestações de um motivo mais geral, o objetivo da superioridade ou perfeição – isto é, a motivação para aperfeiçoar-nos, para desenvolvermos nossas próprias capacidades e potencial. A luta pela perfeição é inata no sentido de que faz parte da vida; uma luta, um impulso, um algo sem o qual a vida seria inimaginável.

Sob outra ótica, é possível trazer mais luz sobre o homem e a guerra, encontrada nas explicações de Carl Gustav Jung (2000) e os seus estudos a respeito dos símbolos:

A mente inconsciente do homem moderno conserva a faculdade de fazer símbolos, antes expressos através das crenças e dos rituais do homem primitivo. E esta capacidade ainda continua a ter uma importância psíquica vital. Dependemos muito mais do que imaginamos, das mensagens trazidas por estes símbolos, e tanto as nossas atitudes quanto o nosso comportamento são profundamente influenciados por elas. Em época de guerra, por

exemplo, há um aumento de interesse pelas obras de Homero, Shakespeare e Tolstói, e lemos com uma nova percepção as passagens que dão à guerra o seu sentido permanente.

É através deste instinto de guerrear que se pode analisar o homem contemporâneo, ao modificar os seus comportamentos mais brutais, trocando-os por outros, de forma conveniente, em prol de alguns avanços na área social e política. Ou seja, ele cria uma saída que permite a satisfação dos desejos. Todavia, o poderoso instinto ainda está presente. Então, foi preciso criar uma adaptação para que a energia presente pudesse ser canalizada a fim de evitar uma retomada dos velhos hábitos. A este direcionamento, detalha Fadiman (1986), citando Freud (1856-1939), o pai da Psicanálise, chamou de sublimação, “que é um processo através do qual a energia originalmente dirigida para propósitos sexuais ou agressivos é direcionada para novas finalidades, com frequência metas artísticas, intelectuais ou culturais (...) a energia sublimada é responsável pelo que denominamos civilização”.

Neste ensejo de mudança, e numa breve analogia vê-se o mercado como um campo de batalha em constante guerra. Homens armados empunham a sua espada por meio dos instrumentos disponíveis: produtos, serviços, tecnologia e treinamento, conquistando assim, fatias ou territórios que lhes rendem os restos de algum concorrente que perdeu a batalha e por vezes a guerra, cujo final pode ser a falência. O antigo e estratégico barulho de bater as espadas nos escudos para assustar o inimigo é hoje traduzido pelas campanhas de comunicação e pela especulação de mercado relacionadas às informações que cruzam os noticiários como flechas a procura de um corpo que precisa tombar. É como voltar no tempo e compreender as recomendações de Maquiavel (2004): a fim de manter-se no poder, deve mentir, ser cruel, e até mesmo matar, e nas suas palavras: “é necessário a um príncipe, para se manter, que

aprenda a ser mau". O planejamento estratégico ainda é o mesmo: derrubar o oponente. Que vença o melhor! E, novamente, o prazer e a motivação presentes anteriormente e na atualidade, configuram o lado agressivo e narcísico que o ser humano tenta ocultar, negando-se à legitimidade de aspectos da própria natureza: a vaidade que lhe grita internamente, assim como os comandantes procuravam fazer com os seus seguidores, elevando-lhes o moral e energizando-os para seguir adiante, em busca da glória ou do que as suas crenças permitissem no caso do fracasso.

Muda-se o formato, mas o conteúdo ainda está presente. A forma é alterada pelo polimento e a aparência de enorme transformação ocorrida entre o ontem e o hoje. Entretanto, o fundo demonstra-se fiel através dos muitos comportamentos de luta na guerra pela conquista, poder e sobrevivência, cuja justificativa encerra-se no poder e no dinheiro.

Pela força que possui o instinto humano, negar-lhe é insensatez, isto é, impor demasiada energia na tentativa de ocultar uma fonte que jorra com voracidade o seu conteúdo para fora de onde se encontra. Tampouco se deve deixar levar pelo fato de a natureza ser avassaladora e causar desânimo, propiciando, em contrapartida, uma demanda por sua administração, através do conhecimento que se tem a seu respeito e pelo exercício diário acerca dos objetivos que se designa às mudanças pretendidas. É também uma guerra, porém interna. As dificuldades, o instinto e os hábitos são os inimigos que devem ser superados.

Quanto ao mercado, o homem empunha a espada e continua a lutar. Todavia, deve levar em conta o verdadeiro objetivo que se tem sobre as conquistas desejadas. Serão elas resultantes da vaidade? Que mudança quer empreender abrindo novas estradas e assim modificar o rumo dos fatos? É neste tipo de campo de batalha que almeja inserir os seus descendentes e ficar repetindo o que a história conta há séculos?

O homem das armas é também o agente das mudanças e um líder serviente, que leva o próximo a modificar-se, servindo e sendo servido. As armas que ainda têm maior prestígio desde tempos longínquos são a inteligência, a ética e a mudança. É preciso conhecer as virtudes, tal é a máxima de Sócrates (2004), quatro séculos antes de Cristo, de sorte que "só pratica o mal quem ignora o que seja a virtude, e quem tem o verdadeiro conhecimento só pode agir bem". E isto é reforçado posteriormente de maneira simbólica através das palavras de Jesus, em Mateus 10:34 "Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada", ao provocar a profunda reflexão acerca do conhecimento, da ética e do amor. Contudo, é através do exercício da virtude que se obtém o remédio contra as paixões, nas palavras de Descartes (2004): "Para que a nossa alma tenha por que estar contente, necessita somente seguir estritamente a virtude".

Tal é o homem em sua complexidade, cuja dinâmica consciente e inconsciente é permeada por batalhas entre o que ele é originalmente, pela aprendizagem de seu meio e o que se constitui como personalidade. O homem vive lutando como uma condição natural para o seu avanço, ainda que este paradoxo se apresente nas mais variadas condições, tais como a guerra. Entretanto, evoluir traz em seu bojo um dilema, então, é preciso tomar decisões para que o conflito necessário ao crescimento adicione as virtudes no seio das atividades humanas e com isso amplie o desempenho ético e inteligente, assumindo uma postura mais nobre e comunitária, em detrimento gradual à brutalidade e ao egoísmo. As virtudes são as armas do homem que se desenvolve a passos largos em direção a sua autonomia e à liberdade de se pensar e construir melhores cenários históricos, influenciando e sendo influenciado continuamente. Lute com todas as forças nesta guerra memorável e

grave o seu nome com orgulho no maior de todos os marcos: o coração.

Reamar-se

Não é simples aprofundar e ter uma visão panorâmica a respeito da nossa vida interior, sobretudo a emocional, através da qual é possível compreender melhor quem somos e porque nos sentimos como nos sentimos, indo até aos comportamentos correspondentes, de acordo com a mentalidade que dispomos. Por exemplo, o que nos leva a bater a cabeça, agindo qual uma criança em tantos momentos da vida?

O que se pretende aqui, da melhor maneira possível, é estimular o empreendimento de várias viagens ao íntimo, na tentativa de acessar o nosso antigo lado escondido, reprimido, ou melhor, rejeitado por nós mesmos, e, ao reconhecermos que ele sempre esteve ali, e que apenas não o enxergamos por mantê-lo oculto (coisas que consideramos intoleráveis socialmente nos levaram a tanto: sentir ódio, ter ciúmes ou inveja, ter desejos sexuais, etc), nos voltarmos a ele, consciente e gentilmente, permitindo-lhe retomar o seu devido e natural lugar no todo que somos, reduzindo o distanciamento de parte tão original e importante de nós.

O que se chama de "nosso lado" é uma porção imatura emocional que não acompanhou outros crescimentos, qual o intelectual, e, por vezes, entra em choque causando conflitos e uma lista de sintomas como o mal-estar exagerado de tristeza (alcançando ocasionalmente quadros depressivos), raiva, com ataques descontrolados de fúria, entre outros. Há, enfim, um jovem, ou adulto que não aceita a antiga criança, por não reconhecê-la como parte integrante de si, levando a uma dolorosa autorrejeição, cuja percepção, infelizmente, é de que tal repúdio vem de fora, e nunca de dentro, culpando os que o rodeiam, numa espécie de "batata

quente”, sem enxergar que assim o faz pela total inconsciência a respeito. É o cachorro correndo atrás do próprio rabo, nunca cessa. É uma briga sem fim, a não ser que...

O único caminho possível, e legítimo, é enxergar-se, entendendo que aceitar a si mesmo abre as portas do equilíbrio, repercutindo, conseqüentemente, em tudo o mais, sobretudo no amor. O aceitar-se inclui aceitar mais o outro também. Normalmente a psicoterapia permite o acesso aqui discutido, embora muita gente esteja fechada a ela, assim, nada impede que se lute autonomamente em favor próprio, se dedicando com vontade e frequência, em momentos que só cada um pode definir na sua agenda diária, se assim o quiser, do contrário, o status permanecerá o mesmo.

Pode decorrer de tal descoberta, respostas de valor inestimável: menor autocobrança, normalmente elas são impiedosas, menor necessidade de buscar atenção e reconhecimento alheio, pois, ao se aceitar, é possível recorrer mais a si mesmo do que a outrem; nasce então uma melhor condição de amor-próprio -- menos expectativa, menos frustração --, focos de interesse mudam, levando a descobertas de motivações e metas pessoais que merecem mais peso, visto que há um deslocamento de fora (pensar e agir conforme a pessoa ou o grupo de dependência emocional) para dentro (meus reais motivos e intenções). Ainda, sob tal nova circunstância, alívio, suavidade e coragem ganham terreno onde antes o pesar e o medo roubavam o cenário.

A dedicação referida diz respeito a ser metódico na autoexploração psicológica: (1) reservar um tempo diariamente (15-20 minutos, como sugestão), (2) preparar-se através do relaxamento, tornando consciente a própria respiração e dando atenção às sensações e percepções que normalmente são negligenciadas pelo barulho exterior, (3) iniciar com perguntas que

tentem procurar respostas acerca da vida infantil (preste atenção nas crenças e conceitos costumeiros que agirão como defesa ao novo acesso, não se deixe levar, avance, persista), fantasias, desejos, emoções e sentimentos que tanto negamos, mas que naturalmente estão presentes na espécie (a natureza não se equivoca ao dispô-los em nós), (4) tentar se lembrar de situações (as memórias ajudam a fazer sentido a quem se explora) que ajudam a responder as perguntas voltadas à vida na infância, (5) respeitar a si próprio quando encontrar as respostas (parciais ou totais), pois o reencontro é um convite e não uma imposição, trata-se de amor e não de mais uma guerra. Aceitar-se é um grande gesto de amor.

A expressão mais adequada para ilustrar o empreendimento da autoexploração é reamar-se, tudo em razão de um dia, bem lá trás, na pequena infância, você já ter se amado de forma mais inteira, e intensa, e, com o tempo (leia-se o aprendizado das normas de convivência), foi difícil se aceitar à medida que sentimentos, emoções e desejos contrários à cartilha social gritavam à mente as proibições que variam de pessoa a pessoa, levando, conforme já exposto, à rejeição de si mesmo por tais motivos, impedindo o que foi rejeitado de crescer em harmonia com todo o mais que continuou a se desenvolver. Não percebemos isso ao longo da vida, mas talvez seja tempo de compreender, e se libertar, no grau que seja, alcançando mais harmonia, paz e novos horizontes, reamando-se, condições plenamente disponíveis no ser humano, mas que requerem o seu mais empenhado esforço para frutificar e se ultrapassar evolutivamente.

Referências

- ABERASTURY, Arminda e outros. *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- ARZENO, Maria Esther Garcia. *Psicodiagnóstico clínico: novas contribuições*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- CABRAL, Álvaro; Nick, Eva. *Dicionário técnico de psicologia*. São Paulo: Cultrix, 2000.
- COSTA, Moacir. *Sexualidade na adolescência: dilemas e crescimento*. 11ª edição. Porto Alegre: L&Pm, 1997.
- DESCARTES. *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- DUARTE, Albertina. *Gravidez na adolescência: ai como eu sofri por te amar*, 2ª edição. Rio de Janeiro: Arte e Contos, 1997.
- FADIMAN, James. *Teorias da personalidade*. São Paulo: Harbra, 1986.
- GINOTT, Hain G. *Psicoterapia de grupo com crianças: a teoria e a prática da ludoterapia*, Belo Horizonte: Interlivros, 1979.
- HOBBS, Tomas. *O Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. Sumaré: Martin Claret, 2002.
- JUNG, C.G. *O homem e os seus símbolos*. São Paulo: Nova Fronteira, 2000.
- JUNQUEIRA, Maria de Fátima Pinheiro da Silva. *O brincar e o desenvolvimento infantil*. Portal Saúde da Família, Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <<http://www.saudedafamilia.hpg.ig.com.br>>. Acesso em outubro de 2001.
- KALINA, Eduardo. *Psicoterapia de adolescentes: teoria, prática e casos clínicos*. 3ª edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- KLEIN, Melanie. *Psicanálise da criança*. São Paulo: Mestre Jou. 2. ed. 1975.
- MAQUIAVEL. *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

- MOLON, Fernando Silva. *O brincar na clínica infantil*. 2001. Internet, Disponível em: <http://www.sapereaudare.hpg.ig.com.br>>. Acesso em setembro de 2001.
- OSBORNE, Elsie L. e outros. *Seu filho adolescente*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- SAYAO, Rosely. *Sexo: prazer em conhecê-lo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- SÓCRATES. *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- TIBA, Içami. *Sexo na adolescência*. 9ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- VARELLA, Drauzio. *Gravidez na adolescência*. São Paulo: Folha de São Paulo. Ilustrada p. 10, 2000.
- WINNICOTT, D.W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1971.

O autor

Psicólogo, professor e mestre em liderança. Ministrou cursos e palestras no Brasil e no exterior. Pesquisador dos campos da psicologia organizacional, educacional e sócio-econômico, com experiência em orientação de pesquisa. Autor e coautor dos livros Gigantes da Liderança, Gigantes da Motivação e Educação 2006.